



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS
ÍNSTITUTO DE GEOGRAFIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**DO CAFÉ ÀS SERESTAS E SERENATAS:
O TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA, RJ**

EVANDRO CYRILLO MARQUES

**Rio de Janeiro
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EVANDRO CYRILLO MARQUES

DO CAFÉ ÀS SERESTAS E SERENATAS:
O TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA, RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angelo Ribeiro

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/C

MARQUES, Evandro Cyrillo.
Do café às serestas e serenatas: o turismo cultural em Conservatória /
Evandro Cyrillo Marques - 2008.
119 f.: il.

Orientador: Miguel Ângelo Ribeiro.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Departamento de Geografia
Humana, Rio de Janeiro, 2008.
Bibliografia: f. 84-92.

1. Turismo Cultural – Rio de Janeiro 2. Ruralidades. 3. Identidade
Cultural 4. Produção cafeeira no século XIX.

EVANDRO CYRILLO MARQUES

DO CAFÉ ÀS SERESTAS E SERENATAS: O TURISMO CULTURAL EM
CONSERVATÓRIA, RJ

Dissertação apresentada ao Instituto de Geografia do
Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro-UERJ, como requisito parcial para obtenção do grau
de mestre em Geografia.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Angelo Ribeiro – Orientador
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof^a. Dra. Zeny Rosendahl
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Gláucio José Marafon
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dedico este trabalho à minha família, de onde eu
descobri que como é bom ser pai!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a paciência de minha família com as minhas ausências, mas tenho a certeza do desejo pela conclusão deste trabalho.

Ao Professor Dr. Miguel Angelo Ribeiro, pelo seu grande conhecimento e pela tranqüila, correta e atenciosa orientação que me facilitou sobremodo no desenrolar desta dissertação.

À Professora Dra. Zeny Rosendahl por ter acreditado na viabilidade do tema de pesquisa e, principalmente, por sugerir o nome do Prof. Miguel Angelo Ribeiro como meu orientador.

Ao Professor Dr. Gláucio José Marafon pelas ótimas e pertinentes indicações bibliográficas.

À senhora Marluce Magno por ter sido o meu porto seguro em Conservatória, a quem tenho grande admiração pelo seu envolvimento e dedicação pela continuidade da serenata.

A Sra. Ana Vaz, da Secretaria de Obras e Planejamento Urbano do Município de Valença-RJ, por me receber gentilmente em seu gabinete e me fornecer dados preciosos sobre Conservatória.

À senhora Maly Pedrazzi, pelas conversas informais e revelando-me docemente um passado de música em Conservatória.

Ao Sr. Luiz Francisco Moniz Figueira por me atender pacientemente na Prefeitura Municipal de Valença e me conceder sem restrições importante material sobre Conservatória.

*“O Espaço – esta abstração spencereana
Que abrange as relações de coexistência
É só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértebras mortais da espécie humana!”*

Augusto dos Anjos

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem a finalidade de analisar o turismo cultural em Conservatória, distrito do Município de Valença-RJ, a partir da realização das serestas e serenatas, cuja origem remonta ao final do século XIX. Neste trabalho prevalece a produção cafeeira, experimentada ao longo do século XIX, no Vale do Paraíba Fluminense, como nascedouro daquela manifestação cultural e que legou uma identidade cultural aos residentes, tornando-se o símbolo maior da vila de Conservatória. As serestas e serenatas consagram-se como uma expressão artística e cultural capaz de ensejar de forma ímpar, no contexto espacial do Estado do Rio de Janeiro, o turismo cultural em Conservatória, modificando a sua paisagem e propiciando o aumento considerável do fluxo de pessoas nas noites de sextas-feiras e sábados, dias estabelecidos para a sua ocorrência. Com isso, novos olhares e ações são direcionados à Conservatória almejando-se, não somente a estruturação e o incremento da atividade turística, mas uma melhor e mais aprofundada compreensão da lógica motivadora de quem produz as serestas e serenatas, assim como de quem se desloca para vivenciar o evento. Conservatória se revela, dessa forma, como um campo fértil de pesquisa provocando a curiosidade e o desejo da investigação científica de seus atores, da sua matriz identitária e da dimensão espaço-temporal que repousa sobre a vila, compreendidos como criadores de um lugar turístico profundamente singular.

Palavras-chave: Turismo Cultural, Identidades, Atividade Cafeeira, Conservatória, Município de Valença, Estado do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This master dissertation objective is to analyze the cultural tourism in Conservatória, district of Valença city, from the promotion of the serestas and serenatas, which origin starts in the end of century 19th century. Prevails In this activity the coffee production tried out along the 19th century, in the Paraíba Fluminense Valley, as sprouting place of that manifestation and proposing a cultural identity to the residents, becoming the biggest symbol of the village of Conservatória. The serestas and serenatas are confirmed as an artistic and cultural expression able to cause an unique way, in the space context of Rio de Janeiro State, the cultural tourism in Conservatória, modifying its landscape and propitiating a considerable increasing of the flow of people in the nights of Fridays and Saturdays, wich days are established for its occurrence. As a result of this, new looking and actions directed to Conservatória; wishing to not only solidify and increase the cultural tourism, but a better and deeper understanding of the motivating logic of who make the serestas and serenatas, just like whose people that dislocate themselves to feel this event. Conservatória shows itself, in this way, a fertile place to researching causing curiosity and wishing to research its actors, its identities and its time-space dimension. That rests in the village, understood as creators of a very unique touristic place.

Key-words: Cultural Tourism, Identities, Coffee plantation, Conservatória, Valença City, Rio de Janeiro State

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O CAFÉ COMO INDUTOR DE TRANSFORMAÇÕES E AS NOVAS RURALIDADES NO MÉDIO PARAÍBA FLUMINENSE	27
1.1 A PRODUÇÃO CAFEEIRA E OS REBATIMENTOS ESPACIAIS.....	27
1.2 NOVAS RURALIDADES NO ESPAÇO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA.....	41
2 AS IDENTIDADES EM TORNO DAS SERESTAS E SERENATAS DE CONSERVATÓRIA	50
2.1 CONSERVATÓRIA COMO LUGAR DE IDENTIDADES.....	55
2.1.1 As Fazendas de Café: Espaços de Festividades.....	55
2.1.2 As Origens das Serestas e Serenatas no Vale do Paraíba Fluminense.....	62
2.1.3 A Dimensão Identitária das Serestas e Serenatas em Conservatória.....	65
2.1.4 A Identidade Cultural Revelada por Residentes em Conservatória.....	74
3 O TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA	80
3.1. BASES PARA A COMPREENSÃO DO TURISMO CULTURAL.....	80
3.2. CONSERVATÓRIA: LUGAR DE TURISMO CULTURAL.....	86
3.3. ANÁLISE DO TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA.....	96
ECOS DE UMA CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	110
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	117
ANEXOS	120

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa do Estado do Rio de Janeiro – Fundação CIDE.....	15
Mapa 2 – Mapa do Estado do Rio de Janeiro – Regiões de Governo e Microrregiões Geográficas – Fundação CIDE.....	16
Mapa 3 – Região do Médio Paraíba – Fundação CIDE.....	17
Mapa 4 – Arranjos Produtivos Locais – Estado do Rio de Janeiro.....	93

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escravos na lavoura cafeeira.....	30
Figura 2 – Escrava trabalhando na colheita do café.....	34
Figura 3 – Criação de gado em encostas.....	39
Gráfico 1 – Produto Interno Bruto – Município de Valença-RJ.....	56
Gráfico 2 – Composição do Produto Interno Bruto – Município de Valença-RJ....	56
Figura 4 – Festividades de escravos na lavoura cafeeira fluminense.....	59
Figura 5 – Negros escravos tocando uma espécie de atabaque.....	60
Figura 6 – Vista parcial da parte central de Conservatória.....	68
Figura 7 – Escultura em homenagem a José Borges de Freitas Netto.....	69
Figura 8 – Fachada de uma das casas de Conservatória com placa.....	70
Figura 9 – Detalhe da plaqueta da figura 8.....	70
Figura 10 – Placa sinalizadora “Rodovia Canção do Amor” – RJ-137.....	72
Figura 11 – Dois músicos na serenata (Revista O Cruzeiro – 1968).....	73
Figura 12 – Planta da parte central do distrito de Conservatória – fixos históricos.....	76
Figura 13 – Croqui do trajeto tradicional da serenata em Conservatória.....	87
Figura 14 – Placa instalada indicando o turismo cultural.....	88
Figura 15 – Placa com a mensagem “Seja Bem-vindo à Conservatória”.....	88
Figura 16 – Trecho da serenata em Conservatória.....	90
Figura 17 – Seresta no Museu da Seresta e Serenata.....	91
Figura 18 – Reportagem publicada no Jornal do Brasil sobre Conservatória....	91
Figura 19 – Capa da Revista Novas Dutra com detalhe dos Irmãos Borges....	92
Figura 20 – Placa comercial fixada na RJ-137.....	95
Figura 21 – Placa comercial fixada na RJ-137.....	96

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Formulário de Entrevista – Identidade Cultural em Conservatória.....	121
Anexo 2 – Formulário de Entrevista – Turismo Cultural em Conservatória.....	123
Anexo 3 – Resultado Consolidado das Pesquisas com Turistas em Conservatória – base quantitativa.....	124
Anexo 4 – Lei nº 5.008, de 29 de março de 2007 que denomina Rodovia José Borges de Freitas – Irmãos Borges, trecho da RJ-143.....	125
Anexo 5 – Lei nº 432/2007, que concede o nome de Irmãos Freitas à Rodovia RJ 137.....	126
Anexo 6 – Projeto “Em toda Casa uma Canção”.....	127
Anexo 7 – Regimento do Museu da Seresta e Serenata.....	129
Anexo 8 – Lei nº 1471, de 02 de setembro de 1987, que cria a área especial De proteção cultural de Conservatória.....	131

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto de uma antiga inquietação acerca do que consideramos como uma ímpar manifestação cultural ocorrida numa pequena Vila do município de Valença, Estado do Rio de Janeiro: as serestas e as serenatas de Conservatória.

O município de Valença (mapa 1), com área de 1.305,8 km², correspondendo a quase 3% da área total do Estado, insere-se no Médio Paraíba como uma das oito regiões de governo do Estado do Rio de Janeiro e é dividido em seis distritos, incluindo-se o distrito-sede: 1) Santa Isabel do Rio Preto; 2) Parapeúna; 3) Juparanã; 4) Pentagna; e, 5) Conservatória. (mapa 3)

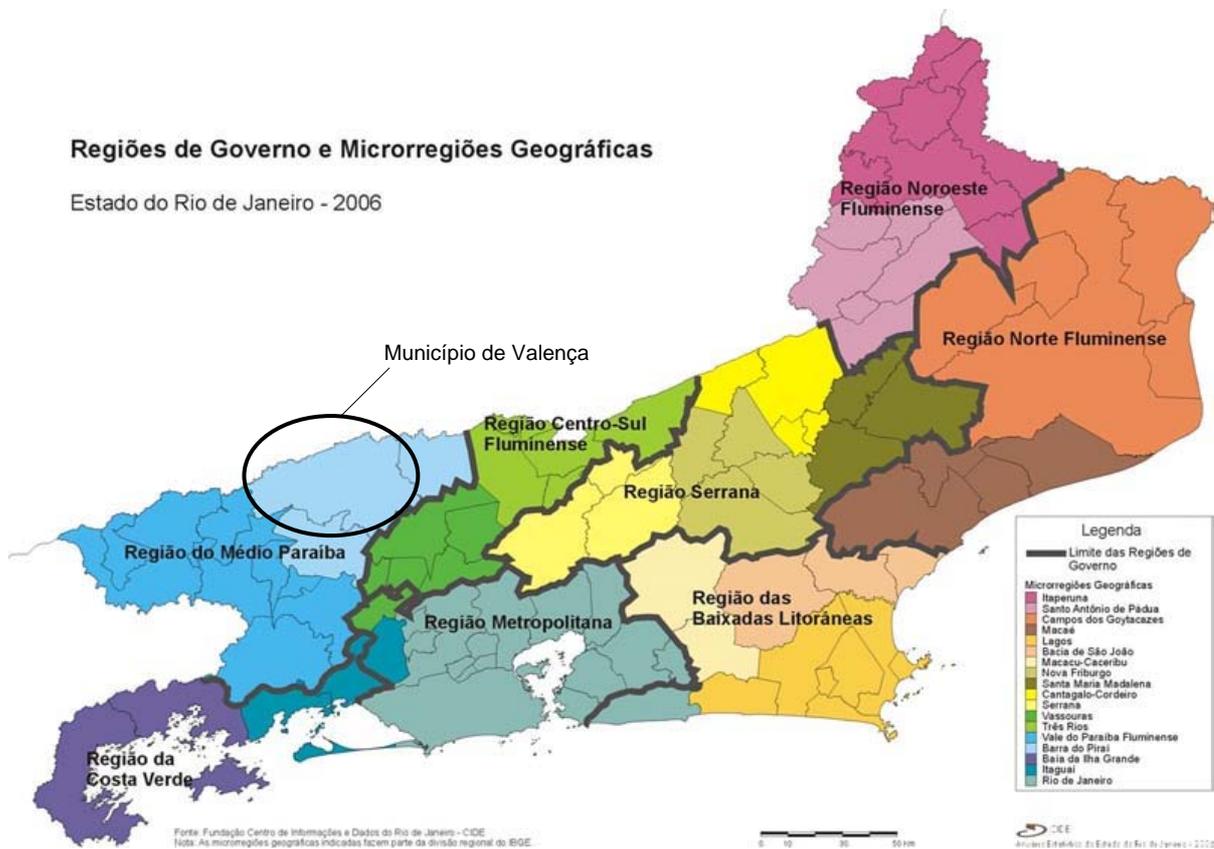
Conservatória, apresenta uma população atual de 3.890 habitantes, segundo o Censo de 2000 (IBGE, 2006), e foi no século XVIII um aldeamento dos índios Araris, assim oficializado em 1789, pelo vice-reinado de Luiz de Vasconcellos através de doações de terras efetivadas por D. João VI. Conhecida na ocasião como “Conservatória dos Índios”, que significava local de registro de nascimento de índios, que posteriormente, em 1821, passou a se chamar Curato de Santo Antonio do Rio Bonito, voltando a ser definitivamente Conservatória em 1938.

Quando nos deparamos pela primeira vez com a chamada “Capital das Serestas”, além do infalível deslumbre pela atmosfera musical que impregna as noites de sextas-feiras e sábados em Conservatória e pelo envolvimento dos seresteiros e moradores em tocar e cantar conjuntamente antigas canções que falam, sobretudo, de amor, percebemos também a grande afluência de turistas que acompanhava a seresta no Museu da Seresta e a marcha da serenata ao longo dos velhos, mas conservados, logradouros de Conservatória, ainda com seu calçamento

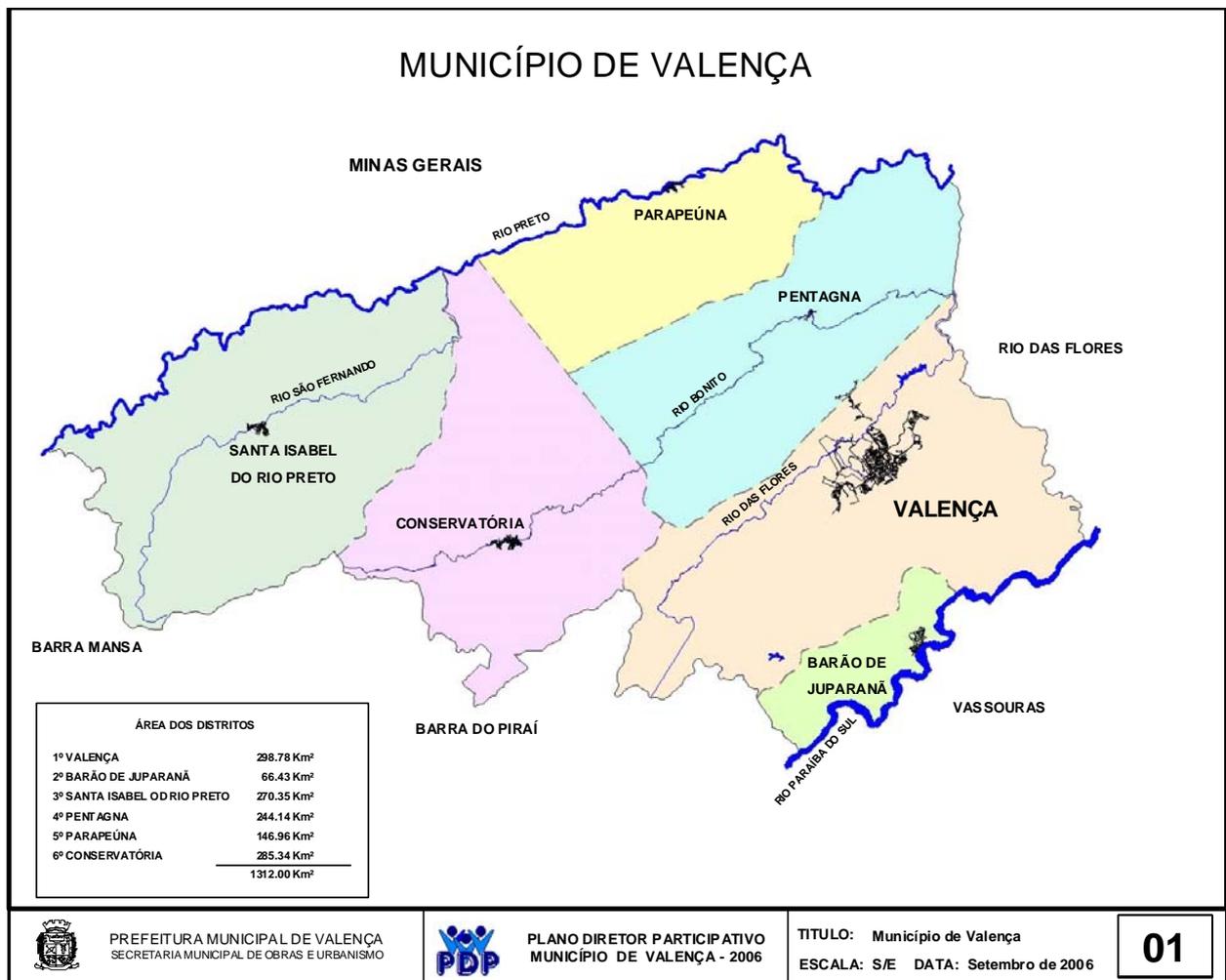
do tipo pé-de-moleque e com seus casarios, vestígios da época áurea do café no Vale do Paraíba Fluminense do século XIX.

MAPA 1

MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO REGIÕES DE GOVERNO E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS FUNDAÇÃO CIDE



MAPA 3
DIVISÃO DISTRITAL DO MUNICÍPIO DE VALENÇA-RJ - 2007



Várias foram as questões surgidas a partir de então: que sentimentos fluíam entre os praticantes da seresta/serenata vinculados à música? A música poderia se constituir num elemento formador de alguma identidade? Que papel desempenhou a produção cafeeira no século XIX na afirmação de Conservatória como uma localidade de turismo cultural? Estaria Conservatória vivenciando simplesmente uma nova ruralidade? Até que ponto a seresta e a serenata por si só são capazes de ensejar o turismo em Conservatória?

Assim se desenrola a presente pesquisa, e já no seu título procura fixar um recorte temporal que se origina no início do século XIX quando a região do Vale do Paraíba, em que Conservatória se insere, experimentou uma nova estrutura social e produtiva que mudou profunda e definitivamente a sua história e a sua espacialidade. Nesse contexto de novidades oriundas de uma concepção rural marcante na vida econômica do país, procuramos detectar o nível de relação existente entre a matriz social tecida no passado, incluído o jogo de relações entre os atores daquele período, com as questões identitárias da atualidade, que concebem a música como elemento agregador de um grupo social plenamente definido e ao mesmo tempo como propagador de uma nova atividade econômica, com tamanha especialidade, a ponto de, no cenário turístico do Estado do Rio de Janeiro, ser basicamente um dos poucos espaços a vivenciar o turismo cultural.

Neste contexto, um dos temas mais atuais no debate da Geografia do século XXI são as relações humanas no âmbito do lugar. A paisagem humanizada envolve uma série de quesitos que vão desde o seu próprio simbolismo aos sentimentos que ela desperta em cada indivíduo que a vivencia, além de suas formas e funções. O turismo enquadra-se ativamente nesse espectro, despertando a atenção, não somente de quem o pratica, mas também de outros atores economicamente envolvidos, dentre os quais o Estado.

Em função da importância da Geografia na compreensão do conjunto das diversas manifestações do relacionamento humano, torna-se fundamental a reflexão acerca do que provém espacialmente do turismo, considerando aspectos como história, identidade e cultura.

O turismo, reconhecido como realidade social e econômica, focaliza a cultura, além de um “mero diferencial mercadológico em roteiros sofisticados” (GASTAL,

2002, p. 70), como um eficiente vetor na constituição da dinâmica territorial, matizada pela própria paisagem cultural criada e seus agentes. A concepção de lugar turístico passa fundamentalmente pelas dimensões histórica, cultural e identitária, o que nos motiva compreender Conservatória como um espaço apropriado simbólica e culturalmente por um grupo, dando-lhe feições distintas e gerando repercussões econômicas em seu interior.

Neste contexto, o recorte espacial em tela passou, no decorrer de mais de 150 anos, por significativas transformações, inicialmente voltado para o cultivo e comercialização do café e mais tarde abrigando a função turística, envolvendo a vila de Conservatória em uma nova atividade singular dentro do cenário turístico fluminense.

A presente pesquisa decorre de observação efetuada a partir de 1999, quando através de trabalhos de campo realizados em Conservatória, observamos que a seresta e a serenata¹ promovidas em parte pelos próprios moradores do distrito, ao longo de mais de um século, modificam a paisagem local criando uma atmosfera de encantamento vivenciada através das canções e pelo percorrer dos logradouros de Conservatória. Trata-se de um momento de confraternização e contemplação em que os moradores e participantes, conjuntamente, imprimem aquele local uma forma distinta de se revelar.

Compreendendo o turismo como “uma experiência social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e no espaço em busca de prazer e diversão, que atendem não apenas as suas necessidades físicas imediatas, mas também os seus imaginários” (GASTAL, 2002, p. 8), vislumbramos que a paisagem cultural

¹ Embora no Dicionário *Aurélio*, os termos seresta e serenata apareçam como sinônimos, ambos possuem, na realidade sentidos distintos, segundo aqueles que as realizam. Seresta é o canto em ambiente fechado, enquanto serenata é o canto sob o sereno, à luz das estrelas e do luar.

construída em Conservatória com as serestas e serenatas, tendo como gênese a produção cafeeira iniciada no século XIX, mostra-se como cenário fértil para a prática do turismo.

Segundo Ribeiro (2003), numa análise da tipologia turística do Estado do Rio de Janeiro, a vila de Conservatória enquadra-se na função de turismo cultural, justamente a partir das serestas, embora o referido distrito de Valença-RJ abrigue também atividades ligadas ao turismo rural “como equitação, pesca e artesanato” (RIBEIRO, 2003, p. 87), além da refuncionalização das antigas fazendas de café em hotéis ou pousadas.

Em sendo o estudo do turismo uma atividade recente no âmbito das ciências (CASTROGIOVANNI, 2002), a escassez de pesquisas sobre o tema (RODRIGUES, 1999; MOESCH, 2000; CASTROGIOVANNI, 2002; MASCARENHAS, 2003) indica a necessidade de ampliar o conhecimento sobre o assunto, dentro de uma abordagem geográfica, explorando-se os casos pontuais, como Conservatória. Essa necessidade se reforça quando o lugar se releva por oferecer uma expressão cultural guardada de ineditismo, sobretudo quanto a sua amplidão.

Ao problematizar a questão do turismo cultural em Conservatória, corroboramos o entendimento de Funari & Pinsky (2003), de que a efetivação desse tipo de turismo se completa quando um bem cultural é apropriado. Logo faz-se necessário constituir um nexo entre turismo cultural e patrimônio cultural. O turismo cultural qualifica “o patrimônio cultural como aquele que se volta para certos tipos de atividades mais propriamente ‘culturais’” (FUNARI & PINSKY, 2003, p. 9). Para Rodrigues (2003), a concepção de turismo cultural passa não somente pela oferta de eventos ou espetáculos, mas, ainda, pela presença de um patrimônio cultural, envolvendo a sua preservação. Nesse sentido, o patrimônio cultural de

Conservatória, inclui, além das serestas e serenatas, todo o conjunto arquitetônico que compõe seus logradouros, que remonta ao século XIX, marcado pela grande lavoura cafeeira.

A geração de riqueza propiciada pela atividade turística a inclui no rol daquelas atividades ligadas ao sistema produtivo, que tende a se ampliar na medida em que é percebida e estimulada. Trata-se de uma forte característica da chamada sociedade pós-moderna onde se prevalece como referencial a “utopia dos mercados livres e da globalização” (DUPAS, 2000, p. 55).

Mesmo diante da força purista que povoa o imaginário daqueles que promovem a seresta/serenata em Conservatória, e que tentam preservá-la como uma verdadeira tradição, é notória a preocupação em estimular a prática do turismo, adequando-se algumas condições fundamentais de inserção no mundo globalizado, como, por exemplo, a instalação de um banco 24 horas no contexto espacial das serenatas e a criação de um centro de informações turísticas, entre outras (CADEIA PRODUTIVA DA ECONOMIA DA MÚSICA, 2003).

Faz-se mister compreender as lógicas social, espacial e cultural que repousam sobre a vila de Conservatória, considerando sua dimensão histórica e enfatizando-se todo o conteúdo marcado pela sociedade agrário-exportadora do café no século XIX e os nexos atuais que a unem a um cenário crescente de globalização.

Destarte, a pesquisa em questão teve como objetivo geral a análise do turismo cultural praticado em Conservatória a partir de seus valores históricos e identitários, tendo como princípio a manifestação cultural expressa pelas serestas e serenatas, desde os seus primórdios, que remontam ao século XIX, passando pelos

aspectos abaixo descritos, configurados como os objetivos específicos da obra que se inicia:

- a) vincular a produção cafeeira do século XIX como vetor de transformações no Vale do Paraíba Fluminense, incluindo-se o Distrito de Conservatória;
- b) conhecer seus atores e a matriz identitária provocada pelas serestas e serenatas; e,
- c) contextualizar as serestas e as serenatas como elementos motivadores do turismo cultural vivenciado em Conservatória.

• • •

A base metodológica da pesquisa social e qualitativa ora apresentada caracteriza-se por apresentar grande flexibilidade nas suas possibilidades interpretativas, partindo-se do reconhecimento dos nexos verificados entre o mundo real (objetividade) e seus sujeitos (subjetividade). Os procedimentos da pesquisa exploratória que foram utilizados neste trabalho se mostraram suficientes no sentido de uma aproximação com o objeto anteriormente definido.

Para esse fim procuramos estabelecer quatro momentos que pontuaram o andamento da pesquisa até a sua conclusão (GIL, 1991): a) recorte espaço-temporal; b) coleta de dados; c) análise e interpretação dos dados; d) redação do relatório.

As ações rumo ao atingimento dos objetivos propostos foram feitas a partir da observação e, sobretudo, do levantamento das informações pertinentes ao distrito

de Conservatória, envolvendo sua matriz histórica e os dados que caracterizam o distrito na atualidade.

As informações foram obtidas mediante alguns procedimentos onde vislumbramos, através do uso de ferramentas apropriadas, a necessidade de se buscar documentos e arquivos de alguns órgãos públicos, em destaque a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, a Prefeitura Municipal de Valença-RJ, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, objetivando constituir uma base de dados, ainda que esta pesquisa seja de natureza qualitativa.

Como fundamental na elaboração dessa pesquisa entendemos a observação direta e participante, pois abriga aspectos simbólicos com vínculos à “complexa natureza da experiência humana” (TUAN, 1983, p. V), tendo a cultura como um de seus fatores explicativos (TUAN, 1983). Estão envolvidas em parte dessa pesquisa consciências individuais e coletivas de pessoas que experimentam intensa ou eventualmente a manifestação cultural das serestas e serenatas. Por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, a ponte para a análise do exemplo selecionado tem na subjetividade um amparo consistente, possibilitando o desentranhamento de mundos forjados por apreensões e sentidos e uma relação expressa entre o mundo e o sujeito. A subjetividade focaliza

os significados que as pessoas dão ao seu ambiente, não o ambiente em si. Ao contrário do que alegam os positivistas, nós, como pesquisadores, não podemos conhecê-lo independentemente das interpretações que as pessoas fazem dele. A única coisa que podemos conhecer com certeza é como as pessoas interpretam o mundo ao seu redor (MAY, 2004, p. 28).

Sob a ótica dos procedimentos técnicos, foram utilizados o levantamento bibliográfico e as entrevistas.

O levantamento bibliográfico teve a função primordial de completar o embasamento teórico da pesquisa, buscando-se autores/temas que guardassem nexos com as proposições aqui apresentadas, à luz dos preceitos da Geografia. As informações históricas sobre o período cafeeiro do século XIX, principalmente os relatos dos viajantes e estudiosos da época, apresentaram-se como norteadoras da construção do primeiro capítulo. Foram realizadas visitas às seguintes bibliotecas: a) Biblioteca Nacional; b) do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB-RJ; c) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; e, d) do CPDA, do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

As fontes primárias tiveram grande relevância, sobretudo aquelas contidas em veículos informacionais que abordaram o contexto da seresta/serenata em Conservatória, ainda que este movimento cultural não componha a “ordem do dia” nas tabulações midiáticas dos grandes veículos de informação.

Com o objetivo de apurar o sentimento de pertencimento e identidade daqueles que vivenciam o lugar das serestas e serenatas, ou seja, moradores com mais de dez anos de residência em Conservatória, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas (anexo 1), baseadas no método de *survey*, que segundo May (2004, p. 109)

visa a descrever ou explicar as características ou opiniões de uma população através da utilização de uma amostra representativa. Uma população pode ser qualquer coisa entre todos os habitantes de um país (...), até os usuários de um serviço de trem local.

Associado a *survey*, realizamos o mesmo tipo de entrevista (anexo 2), com outro conteúdo argumentativo, em dois períodos distintos, focalizando o alcance de dados e impressões da massa turística que visita o distrito de Conservatória, que

resultou em oitenta respostas no primeiro momento e trinta no segundo, cujas interpretações são expostas no capítulo 3 desta obra.

Convém ressaltar que embora a pesquisa não tenha caráter quantitativo, como já anteriormente descrito, as entrevistas buscaram capturar, em números, algumas variáveis que julgamos importantes na contribuição de uma melhor análise do objeto de estudo e no conhecimento do turista que visita o distrito de Conservatória.

Posto isto, para dar conta dos objetivos e caminho de investigação, a presente dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. O primeiro trata da contextualização da atividade agrícola-cafeeira estabelecida no século XIX, precisamente no Vale do Paraíba Fluminense, como instigadora de mudanças, não somente no espaço produtivo, mas também na base social empreendida com os chamados barões do café. Neste capítulo ainda são discutidas as novas ruralidades estabelecidas com o fim do período hegemônico do café, momento em que os municípios fluminenses contemplados por essa atividade buscam alternativas para a própria sustentabilidade político-econômica. O segundo capítulo aborda o significado da identidade no âmbito da ciência geográfica e explora a apreensão desse elemento subjetivo pelos moradores e praticantes das serestas e serenatas em Conservatória, considerando-se o seu passado instaurador de inovadores padrões sociais e de uma ordem espacial cuja centralidade repousava sobre a fazenda de café. O terceiro capítulo analisa e interpreta a atividade turística cultural no recorte espacial selecionado.

Por fim, na seção intitulada Ecos de uma Conclusão apresentamos os pontos essenciais que se configuraram como uma síntese interpretativa dos argumentos utilizados nesta pesquisa e algumas sugestões de possíveis desdobramentos

investigativos que a ciência geográfica possibilita em relação ao espaço de Conservatória.

1 O CAFÉ COMO INDUTOR DE TRANSFORMAÇÕES E AS NOVAS RURALIDADES NO MÉDIO PARAÍBA FLUMINENSE

*Era argola, ferro, chibata e pau
Era a morte, o medo, o rancor e o mal
Era a lei da Coroa Imperial
Calmaria negra de pantanal
Mas o tempo muda e do temporal
Surge o vento bravo, o vento bravo*

(Edu Lobo & Paulo Cesar Pinheiro)

A atividade cafeeira ocorrida no Brasil ao longo do século XIX repercutiu fortemente em sua estrutura econômica e social. Com a especialização produtiva decorrente do sistema de fazendas de café, uma nova configuração da sociedade brasileira se materializa, destacadamente no Vale do Paraíba Fluminense, prevalecendo um modelo empresarial centrado na figura dos Barões do Café. Este capítulo abordará o conjunto de mudanças motivadas por aquela atividade produtiva, bem como os desdobramentos espaciais e as novas ruralidades assumidas com o colapso da produção e comercialização do café.

1.1 A PRODUÇÃO CAFEEIRA E OS REBATIMENTOS ESPACIAIS

O século XIX registrou na história brasileira mais um período em que o país se viu na dependência econômica de uma commodity. Esse momento foi marcado pelo que se configurou como o surto do desenvolvimento da cultura cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense (COSTA, 1998), que se tornou entre 1850 e 1900 o núcleo

de maior produção de café em nível global e responsável, não somente pela transformação física daquele espaço, mas, também, pela revolução de uma estrutura social e cultural até então existente, moldando “padrões sociais e econômicos do passado e do presente” (STEIN, 1990, p. 13).

A vasta literatura a respeito do período imperial brasileiro, no qual o café foi o ponto forte em termos de sustentação econômica, registra com muita apropriação e profundidade o triunfo do sistema escravocrata de produção. E, embora este trabalho não pretenda discorrer de forma mais expansiva sobre o legado social propiciado por esse sistema, cabe ressaltar as profundas cicatrizes deixadas no corpo e na alma do incontável contingente humano africano que sustentou, a base do açoite, a economia cafeeira que enriqueceu muitos senhores e garantiu a liquidez dos cofres da coroa do Império brasileiro ao longo do século XIX e parte do século XX, já no período republicano.

O café no Vale do Paraíba abre, sem embargos, uma nova etapa na história econômica do Brasil, de modo que o centro decisório do poder político consolida-se no Rio de Janeiro, criando, com a produção, uma acumulação de riqueza incomensurável, concentrada nos cofres dos grandes produtores do período.

A lavoura cafeeira destaca-se na história econômica brasileira, por mobilizar quase toda a riqueza do país durante a segunda metade do século XIX, colocando o Brasil na posição de grande produtor mundial, exercendo quase o monopólio no comércio internacional (...). O produto – café – tornou-se o cerne da economia brasileira, chegando a contribuir com setenta por cento do valor das exportações (...) (LOCATEL, 2004. p. 10).

No Brasil já imperial o café acenava como uma grande possibilidade de suporte financeiro para um país cuja economia não se apresentava como das mais satisfatórias, sendo altamente dependente de produtos de origem primária e detentor de uma indústria por demais incipiente e doméstica, sendo “importador de variadas mercadorias, sobretudo as de consumo industrial e defesa”

(SCATIMBURGO, 1980, p.46). No rastro da acumulação de capital verificada no período da mineração, momento em que o Rio de Janeiro assumiu (1763) a condição de capital da colônia e se revestiu de importantes funções comerciais por ser entreposto das remessas minerais para a Europa, ao Governo Central, situado na cidade do Rio de Janeiro, não caberia outra alternativa, senão incentivar a produção, que começaria inicialmente nos limites da própria cidade e posteriormente ganharia os terrenos promissores do Vale do Paraíba Fluminense.

Iniciando as plantações nos maciços costeiros do Recôncavo da Guanabara, o café rapidamente ganhou o Vale do Paraíba, um *graben* tectônico entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, verdadeiro corredor de passagem entre o Rio de Janeiro e São Paulo (BECKER e EGLER, 2003, p. 107).

A lavoura cafeeira (figura 1) encontrou nas terras do Vale do Paraíba um espaço dotado de condições climáticas propícias para o vicejar da produção, destacadamente quanto à regularidade das precipitações pluviométricas, que em um tempo relativamente rápido ocupou cada centímetro disponível nas encostas que compunham o vale. Stein (1990, p. 28), a respeito dos elementos naturais, assim descreve o limiar da cultura cafeeira em terras fluminense:

No início do século XIX, o café era um exótico arbusto crescido em jardins e encostas de montanhas ao redor da capital e preparado principalmente para consumo local. Logo depois, seu cultivo numa escala comercial espalhou-se dos arredores do Rio de Janeiro em direção aos planaltos contiguamente ao Norte. Nessa região, o arbusto se adaptou tão bem à topografia, solo e clima locais que seu cultivo se expandiu rapidamente – de início ao longo das estradas usadas pelos comboios de mulas que viajavam entre os centros mineiros de Minas Gerais e a capital, e mais tarde acima e abaixo do Vale do Paraíba.

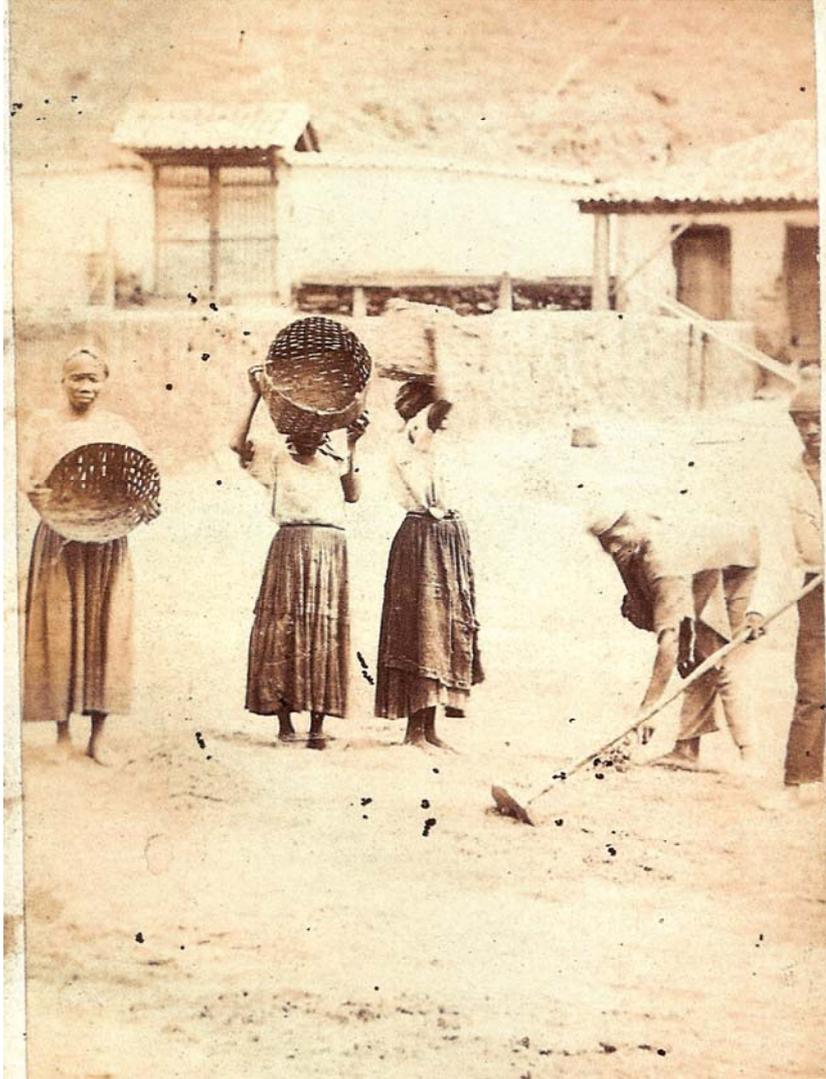


Figura 1 – Escravos na lavoura cafeeira. Registro do fotógrafo José Christiano de Freitas Henriques Junior - 1863. *in* AZEVEDO & LISSOVSKY, 1987.

Entram em cena barões, administradores, feitores, capatazes, índios e escravos estabelecendo, além de uma nova ordem político-econômica, uma nova territorialidade que excedeu os limites do Vale do Paraíba, mas seguindo o modelo tradicional vivenciado anteriormente no nordeste açucareiro em que a sustentação da ordem estabelecida requeria grandes aportes de capitais, mão-de-obra escrava, extensões de terras e consumação de recursos florestais.

Foi em um cenário de presença quase exclusiva de densa floresta tropical que o café passou a dominar a paisagem montanhosa do Vale do Paraíba

Fluminense, tornando-se a base da economia agroexportadora do Império. Sob a pressão do mercado consumidor de café fortemente estabelecido, os proprietários das fazendas de café não incorporaram em suas estratégias de produção a noção de produtividade, o que ensejava na consumação de terras e vegetação natural na medida em que a demanda por café aumentava no mercado internacional.

O Vale do Paraíba passa, paulatinamente, a registrar a convivência da exploração dos recursos vegetais preexistentes ao surto cafeeiro com a presença das fazendas, representação física da centralidade do poder que se forjava na região já no final do século XVIII.

Em dois períodos divide-se a história do ciclo fluminense do café. O primeiro, sua formação, a partir dos finais do Setecentos até meados do século seguinte, quando cessou o tráfico negreiro. Nele se lançaram os alicerces das grandes propriedades rurais. O tempo dos pioneiros, dos mais audazes, dos que desafiaram matas paludosas (...). O segundo, que alcança a derrubada da monarquia, é o período da opulência e grandeza das fazendas. A mão-de-obra servil ensejara a prosperidade, dando ao agricultor as condições de investir na cultura e na melhoria do café (PIRES, 1986, p. 16).

O desenvolvimento da cultura cafeeira conferiu aos grandes produtores a assunção de poderes quase ilimitados, desdobrados do poder originário da sede do Império no Rio de Janeiro, onde o café, no segundo reinado, ocupara parte das encostas existentes na cidade.

Essa centralidade adquirida propiciou um novo recorte territorial para a região do Vale do Paraíba reservando às fazendas de café a orientação dos fluxos decorrentes da atividade através da abertura de novos caminhos – primeiramente por meio de muares, e posteriormente, já no final do ciclo do café no Vale do Paraíba, consolidados pela ferrovia –, possibilitando o contato entre as próprias fazendas e, principalmente, com os pontos alfandegários e de escoamento da produção localizados na cidade do Rio de Janeiro. A esses eixos viários também guardava a importância de permitir o transporte, não somente das milhares de sacas

de café produzidas, mas de se fazerem chegar os artigos não produzidos na propriedade, como mobílias, artigos de luxo, apetrechos de ferro e gêneros alimentícios, como bacalhau, carne-seca, sal, toucinho de fumeiro, etc. (STEIN, 1990).

Na medida do recrudescimento da atividade cafeeira os diversos municípios localizados na região, como Vassouras e Valença, atraíam pessoas de outras realidades espaciais para compor o quadro social, fundamental para a manutenção da atividade econômica que enriquecia os que empreendiam naquele espaço. E no bojo da sociedade escravocrata, eram os barões do café quem iriam reger o cotidiano da vida social, exalando poder político que extrapolava os limites da região.

Os viajantes estrangeiros que durante o século XIX atravessaram a Província, testemunharam o esplendor dos grandes fazendeiros de café. O vale do Paraíba representava, então, a mola econômica da nação. As enormes fazendas de café, situadas nas vertentes do Paraíba, não somente contribuíam para o engrandecimento econômico do Império, como também formavam a mentalidade dos grandes estadistas que tiveram, na política nacional, função preponderante (TAUNAY, 1945, p. 197).

Lamego (1950, p. 241), ilustra a força dos proprietários das fazendas de café no Vale do Paraíba no século XIX, quando expõe:

São as fazendas que alicerçavam a base econômica da nossa existência imperial. Por isso é que PEDRO II cerca de todo o prestígio esses grandes senhores de terras, eleva-os às pompas nobiliárquicas, agrega-os ao redor de um trono nobre, que herdara sem sequer uma côrte para o realçar. (...) Com a nossa aristocracia agrária é que o Brasil verdadeiramente ingressa na civilização ocidental, pois com ela é que a cultura se dissemina por todas as Províncias por meio dos núcleos solarengos.

Os investimentos efetuados na implantação do complexo cafeeiro no Vale do Paraíba, não resultaram exclusivamente no surgimento das grandes fazendas, centro da produção, mas também no desenvolvimento dos municípios que ostentavam a produção em si. Embora os “anos dourados” do café tenham promovido pouca mobilidade social, em termos de dispersão do poder político, as

transformações no espaço físico das cidades foi notória, conferindo-lhes edificações que expressavam o quanto a sociedade agrária vivenciava um período de pura hegemonia no âmbito nacional.

Criou-se nesse universo um cenário muito peculiar de relacionamentos centrados na figura do Barão de Café – cuja titulação decorria exatamente pelo reconhecimento do seu papel de agente econômico –, que se constituía no representante máximo da elite econômica, política e social, e de quem se desdobravam os demais ordenamentos. E coube, obviamente, a esses senhores estabelecer padrões sociais, comportamentais e relacionais que, no bojo das grandes fazendas, materializavam-se através de muita ostentação, luxo e grandes festas.

O vale paraibano foi, realmente, em certo momento, com a sua sociedade agrária e culta, requintada e aristocrática, assentada sobre grandes domínios cafeeiros, um centro ameno e polido, onde a flôr da civilização ocidental soube exibir os seus mais finos coloridos e o mais subtil dos seus perfumes. Ninguém ainda se lembrou de historiar esta fase da nossa aristocracia agrária – e, entretanto, a história da civilização no Brasil, no que ela tem de mais fino e espiritual, teve ali o seu momento mais expressivo e magnífico (LAMEGO, 1934, p. III).

Sem prejuízo, como já anteriormente descrito, do reconhecimento dos impactos negativos sofridos pela negritude escrava (figura 2), a vida social nas fazendas refletia o poder emanado pelos senhores do café pela proximidade mantida com a corte imperial. O quotidiano traçava-se a partir dos limites impostos pelo fazendeiro, tanto nas dependências internas da propriedade, quanto em seu derredor. As fazendas compunham um quadro do maior esmero possível, ostentando “jardins, prados à entrada, com pequenos lagos, com renques de palmeiras soberbas que conduziam os visitantes à porta do solar” (PIRES, 1986, p. 23). Interna e externamente mostravam-se com o que de mais luxuoso pudesse haver na época, o que garantia maior status ao seu proprietário. Algumas

reproduziam verdadeiros palacetes, destacando-se na paisagem agrária que se emoldurava a partir do incremento da atividade cafeeira.



Figura 2 – Escrava trabalhando na colheita do café. Registro do fotógrafo José Christiano de Freitas Henriques Junior - 1863. *in* AZEVEDO & LISSOVSKY, 1987.

A viabilidade econômico-financeira oriunda do cultivo do café permitia o esbanjamento por parte dos grandes produtores, que não economizavam nos grandes festejos e nos eventos de origem religiosa. O aparato suntuoso vivenciado

em batizados, casamentos, nascimentos e aniversários era marca peculiar desse próspero período. Convidados politicamente importantes, inclusive da Corte Imperial, eram presença certa nas festividades, ocasiões em que saboreavam fartos banquetes à custa do serviço dos escravos que atuavam no interior das propriedades.

As festas ocorriam sob os mais variados pretextos e eram acompanhadas invariavelmente por músicos convidados provenientes da região ou principalmente de outras regiões, procedentes da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. Pires (1986, p. 25) observa com detalhes um desses momentos festivos na Valença do século XIX:

Em Valença, pretendeu comemorar a construção de um palácio no próprio dia de seu aniversário, oferecendo à Corte e ao comércio do Rio uma festa de grande pompa. Conselheiros de Estado, senadores e deputados, a alta sociedade carioca, todos compareceram. Iluminado com lanternas de cores variegadas, o caminho de Porto das Flores até a fazenda. Lá, duas grandes bandas de música alternavam-se na execução do repertório musical. Rompia a manhã, quando surgiu o Hino Nacional, saudado por girândolas de morteiros. Ao mesmo tempo, ouvia-se o rodar surdo de centenas de carroças, conduzindo da Estrada União e Indústria duas mil arrobas de café.

Lapa (1983, p. 63) descreve o quanto as festas se arvoravam de importância social no contexto das fazendas de café,

Aprestava-se assim a comunidade rural para uma vida social ritmada pelos noivados, casamentos, batizados, aniversários, quando tinham lugar as reuniões festivas, com grandes comezainas, música e bailes (dançava-se a polca, a mazurca, o xote ou o miudinho), que podiam desdobrar-se em pescarias e caçadas, em cavalhadas, fogueiras e foguetórios. No terreiro, nessas ocasiões, a escravaria dançava o jongo ao redor das fogueiras, enquanto os caipiras divertiam-se com o cateretê, o arrasta-pé, o corta-jaca, etc.

Ainda que nesse universo a negritude fosse subalternamente incluída², havia as festividades próprias dos escravos³, marcada por menos riqueza, mas com igual

² Segundo Taunay (1945, p. 218), nos eventos dessa natureza “os escravos da roça recebiam roupa nova, as mucamas e crioulinhas ganhavam vestidos de garridas cores”.

³ No capítulo 2 dedicaremos uma atenção mais aprofundada do tema quando serão abordados os vínculos entre as serestas/serenatas com as festividades no ambiente da produção cafeeira no século XIX.

excitação e alegria e que servia como forma de amenizar os impactos causados com a labuta excessiva e permanente para a manutenção da produção cafeeira.

A prosperidade dos cafezais fluminenses perdurou, aproximadamente, durante os três primeiros quartéis do século XIX. A migração do café do Vale do Paraíba para terras paulistas foi motivada por uma série de fatores que de forma combinada esterilizaram o ciclo de produção próspera que sustentara eventos importantes da história brasileira, como a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a Abolição da Escravatura (1888), sem contar com as enormes despesas assumidas pelo Império brasileiro. A década final do século XIX registrou queda sucessiva da produção de café, conforme explicita a Tabela 1.

Tabela 1
Estimativa da Produção de Café no Estado do Rio de Janeiro
1891-1896

Ano	Produção (kg)	Índice
1891-1892	97.521,461	100
1892-1893	80.874,199	83
1893-1894	67.661,197	69
1894-1895	60.855,314	52
1895-1896	59.934,167	51

Fonte: Mensagem do governador do Estado do Rio, setembro de 1902, PP. 137-138, in STEIN (1990, P. 324).

O final do século XIX marca um encaminhamento maior dos investimentos para as atividades ligadas à manufatura. A importação mais vigorosa traz à sociedade, de uma forma geral, novos hábitos de consumo que requerem uma diversidade maior de produtos e serviços. O próprio excedente da produção cafeeira

é fundamental nesse sentido, visto que é ele quem vai possibilitar o incremento dos níveis de mercantilização, que no século seguinte atingiria padrões impensáveis para aquele momento da história brasileira.

O fim do tráfico negreiro, conseqüência da Lei Eusébio de Queiroz, de 4 de setembro de 1850, já, de certa forma, abalara a economia cafeeira, que embora a suspensão não tenha pontualmente ocorrido na publicação da Lei, e, com o seu cumprimento, tenha intensificado internamente o comércio de escravos, majorando, inclusive, nos primeiros momentos, os ganhos com a venda de escravos, o “declínio progressivo da população escrava em idade produtiva afetou seriamente os custos da produção de café e estimulou o tráfico interprovincial de escravos até a véspera da abolição” (STEIN, 1990, p. 108).

A Abolição da Escravatura, assinada em 13 de maio de 1888, criou um quadro de instabilidade entre os fazendeiros de café do Vale do Paraíba Fluminense, amplificado pela acentuada queda no preço deste produto, colaborando para o seu declínio nos anos imediatamente posteriores. Ao passo que em São Paulo oportunizou-se a utilização de imigrantes europeus, sobretudo não-ibéricos, como mão-de-obra da produção cafeeira.

Entretanto, é sob o argumento do uso irracional dos solos que a decadência do café no Vale do Paraíba encontra o seu principal algoz. A visão exclusivamente baseada no lucro prevaleceu no manejo das terras destinadas ao plantio do café, cabendo poucas ações que protegessem de alguma forma o solo que abrigava o cultivo. Formas impactantes de retirada da mata, como queimadas e derrubadas através de machados, foram empregadas no conjunto arbóreo estabelecido ao longo do vale para dar lugar aos pés de café. Dean (1996) chama atenção para o

retalhamento das terras do vale formado por cafezais e floresta primária na proporção das queimadas e do conseqüente plantio.

Era de se presumir que o colapso da produção fosse inevitável em virtude do esgotamento dos solos. O cafeeiro, nesse período, depois de plantado, começava a declinar após vinte anos de produção (STEIN, 1990, DEAN, 1996), o que indicava o término da história produtiva da propriedade. Durante o período áureo do café, essa realidade não se constituía em obstáculo à atividade agrícola, visto que os fazendeiros buscavam outras terras ainda intocadas e de solo fértil para a continuidade da produção.

Indiferentes às primeiras advertências contra a rotina nos métodos agrícolas, duas gerações de fazendeiros de Vassouras – pais e filhos – continuaram a orientar os escravos a derrubar e queimar a mata virgem, a plantar sem cuidado cafeeiros novos ou sementes mal escolhidas e a capinar e colher ano após ano como se fossem sempre ter solo virgem, produzindo em qualquer lugar colheitas abundantes do que quer que se plantasse e portanto não requerendo nenhum fertilizante. Em 1855, Capanema previu: “Nos terrenos elevados onde a produção de café é excelente, o solo esgotado terá que ser, dentro de alguns anos, trocado por regiões férteis mais distantes” (STEIN, 1990, p. 255).

A produção intensa de café por quase um século resultou na consumação da massa botânica que compunha a formação de Mata Atlântica existente nas encostas ao longo do Vale do Paraíba no Estado do Rio de Janeiro. E mesmo com o cessar da produção não houve possibilidade do restabelecimento da mata em sua totalidade, visto que, além do imenso impacto pedológico, que alterou profundamente a qualidade orgânica dos solos, os municípios componentes do Vale do Paraíba investiram na criação bovina como a saída mais rápida e, possivelmente a única disponível, para a preservação de suas economias com o declínio do café. Até o presente tempo boa parte das encostas do vale mantêm-se desmatadas, espelhando o resultado de décadas consecutivas do plantio da rubiácea (figura 3).

Evandro Cyrillo Marques – 26/01/2008



Figura 3 - Trecho da RJ 137 - Estrada Ipiabas/Conservatória
Fotografia evidenciando a criação de gado em encostas. O predomínio da vegetação arbustiva é conseqüência do desmatamento propiciado pela produção cafeeira verificada no século XIX.

Assim, o Vale do Paraíba contribuiu sobremodo para a efetivação da história social e econômica do Brasil e, em especial, para a territorialidade do Estado do Rio de Janeiro, impondo-se com extrema pujança, baseada no que proporcionou o café e legando um patrimônio cultural, ao qual discutiremos adiante, e devastação ao meio ambiente, conforme narra Salles (2000).

Vistos do alto, na fotografia de satélite, o azul da Baía da Guanabara e o verde dos morros que cercam a cidade do Rio de Janeiro acabam bruscamente no chão enrugado que levam ao interior do Estado. Ali é o Vale do Rio Paraíba. Nele os naturalistas europeus encontraram a mais rica floresta do Brasil no começo do século XIX. A floresta desapareceu, desalojada pelo café que em poucas décadas transformou esses morros na região mais opulenta do país. As grandes fortunas do império foram feitas aqui. Mas a prosperidade durou pouco, menos de cinquenta anos. Esgotado o café, vieram os pastos. Desde o início inúmeras pessoas escreveram sobre o vale, criticando a forma com que estava sendo explorado. Não foram ouvidas.

O fim da atividade econômica baseada na cafeicultura ao mesmo tempo em que promoveu o enriquecimento dos proprietários-fazendeiros, carreando, inclusive, imensos e reluzentes casarões ao contexto espacial do Vale do Paraíba, encarregou-se, por outro lado, em arruinar grande parte desses barões do café que tiveram suas propriedades, quando não abandonadas, adjudicadas aos credores, sobretudo aos bancos que financiaram, através do crédito agrícola-hipotecário, boa parte do capital de giro necessário ao funcionamento do processo de produção e comercialização do café. Noronha Santos (2007, p. 18)⁴, no início do século XX, traça um panorama do espaço cafeeiro após a crise econômica da produção,

As terras cançadas, que foram os infindáveis cafézaes do município de Valença e de outras regiões do Estado do Rio, comprometidas por leoninas hypothecas, conseguiram, em época de negócios bancários e na do 'ensilhamento' melhorar suas tristes condições. Continuaram, porém, os fazendeiros mais indolentes batidos pelo desanimo, inutilizados pela incapacidade que lhes arrefecia o estímulo para a luta. Numa das mensagens do pranteado fluminense que foi Nilo Peçanha, retrata admiravelmente o notável estadista o cenário de desalento que dominou o Estado: 'Quem viu, naquela época a bacia do Parahyba, ostentando soberbamente o vasto oceano de suas culturas e observe hoje a desolação de suas terras despidas, a decadência de suas cidades e a depreciação geral das propriedades, o esqueleto das fazendas, cuja casaria deixa a impressão de um monte de ossadas, sente a tristeza apertada-lhe o coração e pergunta a si mesmo, se a obra dos nossos maiores correspondeu, ao menos a devastação do patrimonio, com sacrifício das gerações futuras'.

Fica o registro material pela presença marcante das fazendas de café que no século seguinte passariam a ter outras funções, bem distintas daquelas evidenciadas no século XIX, quando foram, além de uma unidade física e produtiva, precursoras de um modo de vida, que repercutiria para além do século seguinte.

Com efeito, coube aos municípios uma reorganização que possibilitasse a preservação da ordem pública, sobretudo em suas vertentes espacial e econômica, momento em que essas unidades político-administrativas imediatamente aderem a outras atividades rurais, como a pecuária bovina, e posteriormente enveredam-se na

⁴ Publicação original de 1928, pela Revista da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.

direção do setor industrial e no aproveitamento da estrutura patrimonial herdada da atividade cafeeira e, ainda de seus aspectos culturais, como foi o caso de Conservatória, conforme apresentado no subcapítulo que se segue.

1.2 NOVAS RURALIDADES NO ESPAÇO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA

Com o declínio da produção cafeeira no final do século XIX, motivado pelo processo abolicionista da escravatura, consolidado em 1888, e pelo esgotamento dos solos do Vale do Paraíba, fruto do seu uso excessivo associado à ausência dos cuidados devidos, os municípios pertencentes ao chamado Médio Vale do Paraíba e Centro-Sul Fluminense⁵ (mapa 1) vivenciaram momentos de crise e necessariamente tiveram que buscar em outras atividades produtivas uma alternativa que viabilizasse a manutenção da ordem econômica e das contas públicas. O contrário ocorria em terras do vale paraibano paulista, onde chegara ali a vez do café representar a mola-mestra da economia agrícola daquele estado.

A saída comum foi o estabelecimento da pecuária bovina, aproveitando-se as terras em que o processo de erosão fora menos intenso. Os dois municípios mais pujantes do período cafeeiro fluminense, Vassouras e Valença, enveredaram-se na criação do gado bovino tentando manter os padrões arrecadatários, próximo aos verificados no século XIX. Segundo Vieira (2000), o governo estadual, nesse

⁵ Optamos por utilizar a divisão regional do Estado do Rio de Janeiro proposta pela Fundação CIDE – Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Institucional do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em que estabelece oito regiões de Governo no Estado: Metropolitana, Baixadas Litorâneas, Centro-Sul Fluminense, Costa Verde, Médio Paraíba, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense e Serrana.

período, ofereceu incentivos à diversificação agrícola com a distribuição, através das prefeituras municipais, de sementes de milho, algodão, cacau, feijão, arroz, cebola, fumo, videira e algodão, sem haver grande êxito, a ponto de retomar ao vigor agrícola verificado em meados do século XIX.

Lório (1953, p. 203) revela, conforme Tabela 2, dados em que o município de Valença, já em 1943, apresentava uma variedade na criação de animais, indicando uma nova nuance de sua realidade rural, com a crise cafeeira.

Tabela 2
Rebanhos do Município de Valença
1943

Tipo	Número de Cabeças
Bovinos	50.000
Ovinos	20.000
Suínos	10.000
Eqüinos	5.000
Muares	2.000
Caprinos	1.000
Lanígeros	1.000

Fonte: Lório (1953, p. 203)

Em Conservatória a opção pela criação bovina foi da mesma forma a solução mais viável na substituição do plantio do café que no Vale do Paraíba regredira a produção (em quilogramas) de 72 milhões em 1895, para 35 milhões em 1918. O distrito, com a crise, converte os terrenos de produção de café em pastagens, assim como parte das áreas remanescentes de mata, iniciando-se, então

a importação de espécies reprodutoras ao mesmo tempo em que crescem indústrias de laticínios, para o que concorrem as fazendas de gado de Conservatória, 33% das cabeças de todo o Município de Valença (FONSECA, 1986, p. 15).

Noronha Santos (2007, p. 53), no início do século XX observa o quanto a produção cafeeira esmaecia e ao mesmo tempo concedia maior importância ao leite e seus derivados em Conservatória, nos anos posteriores a grande crise do café no Vale do Paraíba Fluminense.

Em 1917, os valores quantitativos da exportação – quanto ao frete e peso, indicam o leite e productos laticínios, em primeiro lugar, sendo bem menor o embarque do café devido às restrições impostas pelo governo Federal aos productores.

No entanto, Valença também se voltou à produção fabril, com investimentos em setores industriais tais quais bebida, laticínios e, principalmente, têxtil⁶, que jamais foram capazes de retornar à acumulação e à opulência verificadas no auge da produção cafeeira do século XIX. O aproveitamento da mão-de-obra de escravos, doravante, além de livres, assalariados, facilitou o estabelecimento do setor secundário, ainda que timidamente. Esse novo direcionamento, no entanto, não ocorreu de forma simétrica em todo o espaço do município. O Distrito de Conservatória, nesse contexto, se viu posicionado à margem do processo econômico pelo qual seguiu o município de Valença com o fim do ciclo cafeeiro. A mesma destinação que alguns municípios vizinhos tiveram, como foi o caso de Volta Redonda com a siderurgia, e Piraí, com a indústria de celulose, e mesmo Valença, com o ingresso no setor têxtil (CADEIA PRODUTIVA DA ECONOMIA DA MÚSICA, 2003), não foi percebida no distrito de Conservatória. Iório (1953, p. 262) transcreve

⁶ Segundo Iório (1943), já no final do século XIX era discutida em Valença a idéia do desenvolvimento da indústria fabril de tecidos de algodão. A partir daí foram fundadas cinco companhias do setor têxtil: a) Cia. Industrial de Valença; b) Cia. Fiação e Tecidos Santa Rosa; c) Fábricas Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S/A; d) Cia. Progresso de Valença de Fiação e Tecelagem; e) Sociedade Anônima Fiação e Tecelagem Ultra Moderna Chueke.

um artigo escrito por Roberto Macedo, no “Correio da Manhã”, datado de 25/04/1941, que expressa com detalhes, Conservatória da primeira metade do século XX.

Pouco antes de Valença, escondido entre curvas doces de montanha, branquinho, como um presépio, dorme o arraial de Conservatória. Dorme – é o termo próprio. Quase não há comércio. Pelas ruas, calçadas ainda com aquelas pedras informes que os pés dos escravos calcaram, raramente passa um veículo moderno. Boiadas, tangidas sobre estribilho monótono dos vaqueiros, e escassas tropas de fazenda, anunciadas de longe pelo chocalhar característico do vasilhame de leite, são os únicos rumores de vida nesse torrão de silêncio. Ao longe, nos seios verdes das ondulações, um ou outro cavalo solitário, uma ou outra vaquinha nostálgica. As águas do rio Bonito (que em nada justificam o nome) correm mansas e leves, como se tivessem receio de quebrar a harmonia da solidão.

Mesmo tendo empreitado de forma branda em seu espaço, novas atividades agrícolas em substituição ao, até certo momento, exitoso ciclo cafeeiro, Conservatória manteve-se com toda a sua matriz rural, representada pelas formas e modos de vida, próprios dos espaços rurais. Esses atributos lhe impregnam de uma dimensão simbólica e representativa de um passado economicamente viável e instaurador de edificações que se revelam como verdadeiros registros de um tempo pretérito cuja influência singrou os séculos subseqüentes fazendo com que a fazenda de café do século XIX expandisse a sua qualidade de simples unidade produtiva para um patrimônio histórico revestido de representatividade e vínculos, mesmo para aqueles que diretamente não tenham experimentado a sociedade cafeeira do século XIX no Vale do Paraíba Fluminense.

Ao trazermos para o presente trabalho a noção de ruralidade, não pretendemos discorrer sobre suas amplas possibilidades conceituais⁷, nem tampouco situar Conservatória no cerne do debate entre o rural e o urbano. O que se tenciona é conceber aquele espaço como uma categoria simbólica, conforme

⁷ Para um maior aprofundamento sobre as acepções de ruralidades, ver Rua (2002), Gómez (2001).

propõe Carneiro⁸, permeada por representações sociais que se assentam num passado efetivamente pautado na economia agrícola-cafeeira, integrando-se no presente a um leque mais amplo de oportunidades e práticas, alternativas à agricultura simplesmente. Parte-se da compreensão do rural como um campo híbrido, amplo e integrado de significados, contemplando as dimensões econômica, social, ambiental etc.

O imaginário coletivo que caracteriza os ambientes rurais é privilegiado no sentido da valorização, não somente das heranças materiais, mas, principalmente do modo de vida que o distingue daqueles concernentes aos espaços urbanos. Não se trata de um simples posicionamento de oposição, mas sim da separação do universo que acoberta a realidade urbana. Carneiro (1998b, p. 273) aponta para essa perspectiva quando afirma que

Mesmo considerando a crescente articulação das comunidades rurais agrícolas com o mercado e com as fontes de crédito, submetendo-se à lógica de financiamentos e de cálculos próprios da economia capitalista, é verdade que em muitos aspectos observa-se uma certa desconexão entre uma maneira de pensar e de agir sustentada por um saber e uma percepção de mundo que nem sempre são coerentes com a demanda da racionalidade da sociedade moderna.

Embora a temporalidade do café esteja fortemente presente nas formas e no imaginário de parte considerável daqueles que coabitam o espaço de Conservatória (e muito provavelmente do Vale do Paraíba Fluminense), a marca produzida por atividades produtivas recentes, como aquelas decorrentes da prática do turismo cultural e rural, passa a vigorar nas narrativas de seus moradores, ainda que as origens baseadas no café sejam o ponto de partida do contexto atual. Nesse

⁸ “A ruralidade não é mais possível de ser definida com base na oposição à urbanidade. O rural e o urbano corresponderiam, portanto, a representações sociais sujeitas a reelaborações e ressemantizações diversas de acordo com o universo simbólico a que estão referidas. A ruralidade se expressa de diferentes maneiras como representação social – conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão de mundo – que orienta práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial” (CARNEIRO, 1998, p. 73).

sentido, Carneiro (1998b) chama atenção para a abordagem antropológica que enfatiza a importância da tradição oral na busca do resgate do passado como elemento firmador da memória e do presente.

Com a derrocada da produção agrícola cafeeira nas primeiras décadas do século XX, os signos rurais firmados no seio da malha social dos habitantes permanecem pulsantes com a adesão a novas orientações produtivas de natureza não-agrícolas, necessariamente.

O estabelecimento de novas atividades, como o turismo rural e o turismo cultural, tendem a redefinir o Médio Vale do Paraíba Fluminense, e em especial Conservatória, no caminho de uma outra forma de apreender seus valores culturais, bem como evidenciar a sua memória histórica e a revalorização do patrimônio material deixado pela atividade cafeeira, estreitando-se, por conseguinte, os laços com a economia urbana.

A lógica motivadora dessa base rural fundada no início do século XIX, bem como o seu legado material, é fundamental para compreender Conservatória nos dias atuais, que nesse passado portou uma condição central na economia cafeeira, conforme aponta Lório (1953, p. 262):

No império, quando a lavoura de café, trabalhado pelo braço dos cativos, era a única fonte econômica do Brasil, Conservatória foi um centro importante. Mais de cem fazendas das circunvizinhanças para ali escoavam seus produtos.

Quando atribuímos ao município de Valença e, especificamente, ao distrito de Conservatória, um desenvolvimento oriundo de uma atividade agrícola é fundamental efetuar uma correspondência entre o turismo cultural da atualidade com o que sobreveio do ciclo cafeeiro, principalmente em suas matrizes espacial e cultural, que pontuaram a identidade cultural dos moradores de Conservatória e dos praticantes da seresta e da serenata.

É afirmativo refletir sobre a transformação daquele espaço rural, que atualmente não se define como exclusivamente vinculado à produção agrícola, sendo preliminarmente percebida uma ocupação crescente de pessoas em atividades não-agrícolas, relevando-se novas vocações ou possibilidades de revalorização desse universo rural.

O turismo cultural vivenciado em Conservatória insere-se nesse contexto quando percebemos que a seresta e a serenata são realizadas em um cenário repleto de objetos técnicos representativos de um passado marcado pela presença da atividade cafeeira, sem prejuízo da estrutura refuncionalizada de várias antigas fazendas de café, situadas no entorno e no próprio distrito de Conservatória, convertidas em hotéis ou pousadas para a prática do turismo rural, contemplando, além da hospedagem, atividades como “pesque-e-pague”, cavalgadas, *trekking* e outros. Para esse fim, é emblemática a descrição dos atrativos de Conservatória feita pelo Instituto Preservale⁹ em seu sítio na WEB:

“Rumo à Conservatória”

Se você vem de Barra do Piraí ou Vassouras, siga em direção a Conservatória, pegando a estrada de Ipiabas. Parada para visita à Fazenda Taquara, construção do Século XIX situada em meio à plantação de café, ainda hoje principal produto rural da propriedade que, além disso, também desenvolve atividades de suinocultura. Poderá ser agendado almoço para grupos na antiga senzala da sede. Siga para a Fazenda São João da Prosperidade, sede histórica que apresenta planta original preservada. Na cozinha, aonde ainda se encontra o fogão à lenha, são degustados os quitutes da casa e pode-se comprar produtos regionais como lingüiça, cachaça e artesanato local. Almoço em Conservatória: Opção de comida mineira em fogão a lenha, na Fazenda Florença. Após o almoço, pode-se passear pelas tranqüilas ruas de pedra, apreciando a arquitetura dos casarios do século XIX, entrando nas lojinhas de artesanato e gastronomia e visitando os museus locais. À noite, acompanhe a tradicional seresta ao som dos violões, cantada pelas ruas da cidade (INSTITUTO PRESERVALE, 2006).

⁹ O Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba – PRESERVALE, fundado em 1994, segundo o seu estatuto, tem por objetivo fomentar o desenvolvimento sustentável na região, considerando os temas relativos à cultura e ao patrimônio histórico, associados aos interesses da conservação ambiental e do turismo sustentável.

A teia de relações sociais que move os grupos residentes naquele local faz emergir o rural como categoria social que se conforma a partir de uma realidade retalhada, porém repleta de conectividade, afastando-se do vetusto entendimento de rural como simples sinônimo de agrícola. O mundo rural, compreendido na atualidade, passa necessariamente pela noção de complexidade, abrigando não somente formas e funções antigas e novas, mas, também, aspectos ligados a culturas, memórias, valores, crenças e identidades. A decodificação atual do rural englobando novos significados multidimensionais e/ou integrativos (SIQUEIRA & OSÓRIO, 2001) encontra eco na teoria da complexidade. Para Morin (2003, p. 38) a complexidade pode ser vivenciada quando

elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

Diante disto, Conservatória se destaca na paisagem fluminense no atual tempo como um espaço característico de novas ruralidades, não mais exclusivamente pautadas na produção agrícola, mas em um referencial de ordenamentos múltiplos, que, embora tenha no núcleo da produção musical das serestas e serenatas o seu epicentro, encontra fora de seus limites uma demanda turística cultural transformadora de sua dinâmica espacial. Tal especificidade direciona para a compreensão da ruralidade considerando uma realidade multifacetada, suscetível a plurideterminações (LOCATEL, 2004), cujos atores encontram-se inseridos em campos distintos, mas estabelecendo relações interpessoais e sociais, eivadas de ações, sentimentos e conhecimentos, fluentes entre os seus indivíduos.

A partir do enfoque multireferencial sobre o espaço rural ao qual se inscreve Conservatória, que abriga atributos de sua historicidade e economia, é importante estabelecer uma discussão que tome parte a identidade como elemento emergente da própria condição rural pertinente ao Distrito em questão.

2 AS IDENTIDADES EM TORNO DAS SERESTAS E SERENATAS DE CONSERVATÓRIA

*A arte exerce secundariamente a função de conservar,
e mesmo recolorir um pouco, representações
apagadas, empalidecidas; ao cumprir essa tarefa,
tece um vínculo entre épocas diversas e faz os seus
espíritos retornarem.*

(Friedrich Nietzsche)

Há algum tempo a geografia tem se debruçado sobre questões ligadas à identidade. Tradicionalmente a geografia procurava, em certa medida, considerar a identidade resgatando a personalidade ou uma espécie de “fotografia” das regiões e de suas respectivas pessoas. O *genre de vie* proposto por Vidal de la Blache já expressava uma preocupação com as identidades, ainda que privilegiando a relação homem-natureza como ponto central na perspectiva do espaço. No entanto, as abordagens geográficas de ordem positivistas que atravessaram quase todo o século XX não foram capazes de atribuir um sentido especial às identidades já que consideravam no conhecimento do espaço e sua organização elementos como descrição, funcionalidade e classificação.

Com a (re)afirmação das geografias crítica, cultural e humanística a partir dos anos 1970, à identidade é atribuído um novo significado, agora ancorado pelo referencial do lugar, tanto em seu aspecto simbólico e experiencial, quanto em sua particularidade de conexão com as “globalidades”. Norton (2000) afirma que os elos estabelecidos entre lugar e identidade passaram a ser merecedores de atenção por parte dos geógrafos, sobretudo em suas abordagens de orientação cultural. Manifestações culturais expressas por simbolismos, metáforas, tradições e

religiosidades funcionam como escopo geográfico na busca de compreender a identidade como motivadora de transformações no espaço e, ao mesmo tempo, reflexo das transformações ocorridas no tempo e no espaço. Já Le Bossé (2004, p. 158) evidencia o interesse dos geógrafos pela identidade dos lugares e como eles influenciam a criação das consciências individuais e coletivas, observando, ainda, como

as pessoas, sujeitos e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas representações e em suas interpretações dos lugares e das relações espaciais.

O princípio de formação das identidades não se baseia tão-somente em uma única fonte. Castells (1997 apud NORTON, 2000, p. 14) aponta três formas distintas de construção das identidades, cujas origens apresentam uma matriz política, interna ou externa aos grupos:

- a) Identidade legitimadora: forma introduzida pelas instituições dominantes da sociedade, é utilizada para racionalizar sua dominação sobre outros e leva à criação da sociedade civil;
- b) Identidade de resistência: esta forma, muitas vezes discutida como política de identidade, é introduzida por aqueles que estão de alguma maneira excluídos e/ou em posição de inferioridade, e leva à formação de comunidades;
- c) Identidade projeto: forma introduzida por um grupo como uma nova identidade que serve para redefinir sua posição na sociedade maior, com o objetivo de transformar essa sociedade.

Contudo, a identidade é constituída considerando referenciais obtidos de construções sociais provenientes do próprio grupo e dentro de uma temporalidade circunscrita no espaço, e o lugar é tido como representativo, plano identitário para as pessoas situadas em seu interior e imprimindo-lhes um sentido de origem e pertencimento. O passado, os contornos espaciais e os objetos técnicos contidos no lugar tornam-se elementos importantes na construção de consciências coletivas, princípio de formação das identidades.

Essa perspectiva reforça os nexos existentes entre cultura e identidade, permitindo fazer uso da terminologia identidade cultural que traduz todo um processo de internalização de elementos espaciais e históricos e que expressam a produção cultural como geradora de identidades para aqueles que produzem ou compartilham os dados culturais. Hall (2003), ao abordar a identidade cultural no seio das sociedades atuais, descreve três concepções distintas acerca desse conceito. A primeira baseada no “sujeito do iluminismo”, condição em que o indivíduo, dotado da capacidade da razão encontra em si mesmo a centralidade de sua existência, tornando ele mesmo ou o seu “eu” a fonte de sua própria identidade. Já o “sujeito sociológico”, na medida da crescente complexidade do mundo que se moderniza, expande a sua identidade endógena na direção de um diálogo mais robusto com outros mundos culturais (extrínsecos a ele) e suas respectivas identidades. Há efetivamente uma relativização, um caminho de duplo sentido que possibilita por um lado a projeção do “eu” e, por outro, a internalização de significados e valores externos. A terceira possibilidade, o “sujeito pós-moderno”, decorre da fragmentação do indivíduo, que se torna um mosaico de várias identidades, formadas e transformadas permanentemente pela sua submissão aos sistemas culturais que o rodeiam, tendo como matriz a sua história.

Além da matriz histórica, a formação identitária é tributária aos lugares e aos territórios, visto que os grupos sociais requerem, para a consecução de suas relações, o estabelecimento de vínculos, invariavelmente afetivos, e de delimitações espaciais, que expressam apropriação, empoderamento e transcendência dos valores oriundos das relações sociais e que transmitem o sentido de pertença, próprio das identidades. Sobre esses propósitos duas abordagens são merecedoras de atenção quando impõem às identidades uma necessária base espacial. A

primeira desenvolvida por Costa (2005, p.85), quando afirma, baseado nas concepções de Raffestin sobre a formação territorial como produto das relações e ações dos atores sociais, que “toda identidade implica uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária”. O território passa a ser o suporte da produção e continuidade dos relacionamentos que dão sentido aos atributos ligados à identidade e depositário das interações humanas, guardando, por conseguinte, um senso de identidade espacial. Já em Norton (2000, p. 12) a dimensão espacial em questão é o lugar. O autor chama para reflexão o caminho também recíproco de influência nas relações que implicam na forma como são construídas as identidades dos lugares e as identidades dos grupos. Os lugares são receptores dos sentidos oferecidos pelas pessoas que, mutuamente, constituem-se através do espaço.

Em outros termos, as pessoas se interpretam e também são interpretadas por outros de acordo com o lugar onde moram, ao qual pertencem, ou de onde se originam (NORTON, 2000, p. 13).

Quando situada no campo dos processos globais da atualidade as identidades também se constituem em objeto de estudo na geografia. O jogo de forças estabelecido entre as escalas global e local é capaz de produzir interessantes questionamentos situando a identidade no cerne desse confronto. Para McDowell (1996, p. 181) “o atual desafio que une os geógrafos culturais é a investigação de como as interconexões entre forças globais e particularidades locais alteram os relacionamentos entre identidade, significado e lugar”, expressando a vulnerabilidade contida nas identidades diante da força imposta pelas verticalidades, como aponta Santos (1997).

Acerca das possíveis fragilidades das identidades diante da pós-modernidade e da homogeneização global, Hall (2003) destaca a aceleração dos processos

globais e suas influências sobre as identidades e sobre os lugares, que assimilam grandiosas possibilidades de conexão com outros lugares. O consumismo exacerbado posto pelo ocidente e a intensa velocidade dos fluxos culturais acarretam em “identidades partilhadas”, de modo que

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos (HALL, 2003, p. 75).

A valorização e o interesse pelo local e pela alteridade podem se constituir numa estratégia, afim com a lógica da globalização, impondo às identidades novas percepções locais, conexas com a dinâmica global. Nesse contexto, a cultura localiza-se na gênese dos fenômenos identitários, tornando-se um forte elemento formador das identidades. No cenário atual de intensa movimentação multidirecional, os dados culturais ganham mais relevância na interpretação das identidades a partir do choque cultural comumente vivenciado por grupos situados pelo mundo afora. A cultura torna-se marca nas globalidades, sendo representativa no campo das hegemonias, impondo-se e tornando uniforme os gostos alimentares, artísticos, padrões musicais, modos de se vestir etc. (SANTOS, 1988).

Assim, a cultura ou a produção cultural cumpre um papel ontológico na formação das identidades, funcionando como uma bússola (WARNIER, 2003), na orientação de possibilidades de ação e representações, incluindo-se no seu interior a tradição, seu principal vetor temporal.

Posto isto, este capítulo procura após estas breves considerações abordar a qualidade de Conservatória como suporte da identidade cultural forjada subjetiva e objetivamente por seus moradores a partir da manifestação das serestas e serenatas e do legado patrimonial fruto da atividade cafeeira do século XIX.

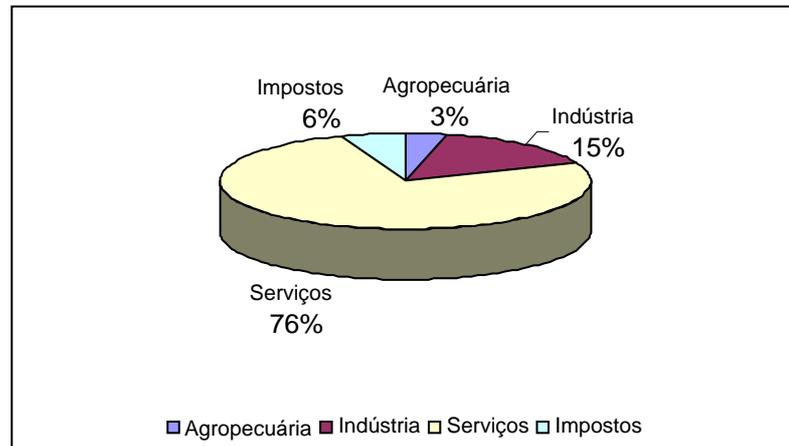
2.1 CONSERVATÓRIA COMO LUGAR DE IDENTIDADES

A identidade representa uma possibilidade referencial de comunicação entre membros de um grupo social. É, portanto, uma construção social que envolve relações, compartilhamento e práticas simbólicas que se desenrolam no tempo e no espaço. Nesse sentido, a Vila de Conservatória é dotada de atributos materiais, históricos e culturais que a categorizam como emissora de singularidades e geradora de identidades, conforme passamos a descrever na seção a seguir.

2.1.1 AS FAZENDAS DE CAFÉ: ESPAÇOS DE FESTIVIDADES

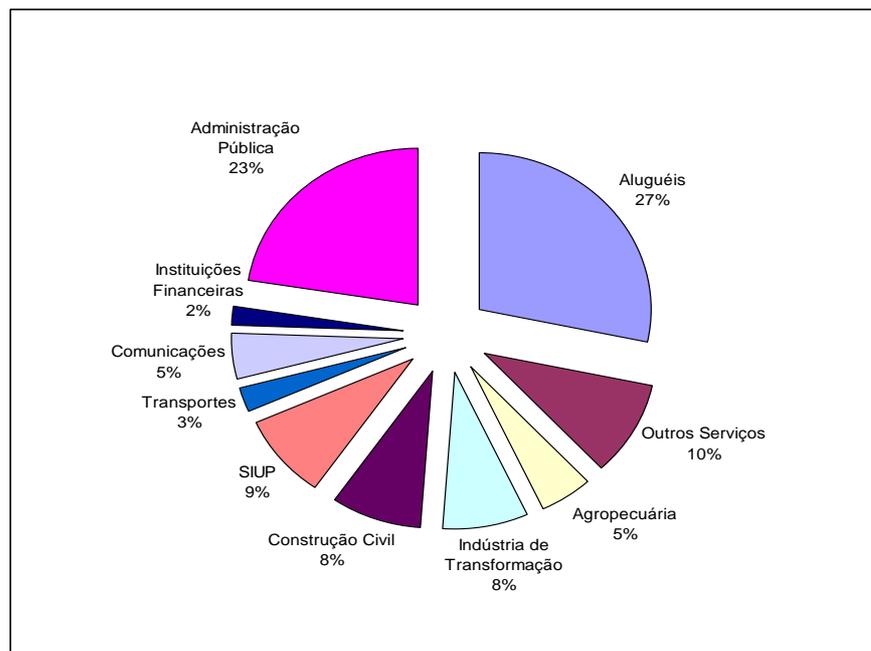
O Município de Valença tem na atualidade a sua economia pautada no setor de serviços, respondendo por mais de 75,0% (gráficos 1 e 2) do Produto Interno Bruto municipal no ano de 2005. Entretanto, foi a economia agrícola-cafeeira que permitiu que Valença se estruturasse rumo à categoria de vila, em 17/10//1823, e, posteriormente, de cidade, que ocorreu em 29 de setembro de 1857, por meio da Lei nº. 961. A produção cafeeira iniciada nas primeiras décadas do século XIX fez o Vale do Paraíba se revestir de inúmeras e grandiosas fazendas erguidas com suas escadarias, colunas e frontões de pedra (PIRES, 1986), sendo as primeiras sesmarias doadas em Valença datadas de 1771, 1793 e 1797.

GRÁFICO 1
PRODUTO INTERNO BRUTO – MUNICÍPIO DE VALENÇA-RJ
2005



Fonte: IBGE (2006)

GRÁFICO 2
COMPOSIÇÃO DO PRODUTO INTERNO BRUTO
MUNICÍPIO DE VALENÇA-RJ
2005



Fonte: Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (2007)

A proliferação dessas fazendas produtoras de café pelo Vale do Paraíba, além de alterar a sua dinâmica espacial, representou o estabelecimento de um modo de vida baseado nos ordenamentos regidos da aristocracia dos Barões e criando-se, com isso, uma nova relação político-social, reservando aos atores sociais daquele período conhecer a transformação de um espaço ainda pouco modificado¹⁰ no interior de uma lógica baseada na plantação e no respectivo comércio do café, em que senhores, seus familiares e seu *staff* posicionavam-se quase que numa situação diametralmente oposta a dos escravos, conforme já, mais amplamente, descrito no primeiro capítulo desta dissertação. Stein (1990, p. 196) registra que o quadro da sociedade fazendeira no século XIX era marcado nitidamente pela divisão entre livres e escravos em termos de classe e hierarquia, de modo que

a elite política, social e econômica formava a liderança que as outras classes seguiam. Era acima de tudo, uma sociedade em que a riqueza era tão essencial quanto a origem social e onde a elite geralmente possuía ambas.

As diferenças existentes entre esses grupos emergiam não somente pelo viés material, mas por comportamentos, hábitos, costumes e percepções de mundo. Diante do imaginário consolidado de forma distinta entre essas duas realidades, salientamos que a presença das festividades, tanto no âmbito dos fazendeiros, quanto no da negritude escrava, elevaram a música a uma categoria simbólica e formadora da futura identidade dos habitantes de Conservatória.

¹⁰ Segundo Stein (1990, p. 27), as suntuosas fazendas produtoras de café no Vale do Paraíba não foram as primeiras edificações a serem implantadas na região: “Datando, via de regra, de cerca de 1850, essas estruturas impressionantes e numerosas não foram as primeiras construções do local. Elas se desenvolveram a partir de origem humilde, quando apenas um punhado de colonos habitava os morros cobertos por florestas primitivas e quando os primeiros fazendeiros podiam facilmente enxergar os limites de suas clareiras de milho, feijão e cana, do terraço de barro de sua modesta moradia”.

Stein (1990, p. 205/206) explora corretamente esta questão descrevendo os festivais e cantorias realizados pelos escravos (Figura 4) em seus poucos dias de folga,

Com a chegada da noite de sábado e do domingo – aguardados com muito do espírito do sul-americano ‘Dia vem, dia vai, Deus traz o domingo’ – ocorria a única interrupção da rotina de trabalho na vida da fazenda. No sábado, a tarefa da noite era geralmente dispensada, a fim de proporcionar aos trabalhadores uma oportunidade de viver sem fiscalização rigorosa. Perto de uma fogueira no terreiro de secagem, ao som das batidas de dois ou três tambores, os escravos – homens, mulheres e crianças –, conduzidos por um de seus mestres-cantores, dançavam e cantavam até as primeiras horas da manhã.

Costa (1998, p. 302) também resgata a materialização das festas e da música para o conjunto escravo no espaço da produção cafeeira,

Alguns senhores permitiam, aos sábados ou domingos e dias de festa, como casamentos e batizados, que eles promovessem, no terreiro, os seus batuques. Era a capoeira que Ribeyrolles definiu como dança de evoluções atrevidas e combativas ao som do tambor do Congo: era o batuque com suas atitudes frias ou lascivas, que o urucango acelerava ou retardava, o lundu ou o jongo. Em círculo a cantar e sapatear, um dançador ao centro, em requebros, saltava, dava cambalhotas, gesticulava e, em seguida, tirava outro que ficava em seu lugar e assim por diante. (...) Os cantos eram, em geral, monótonos e repetidos.

O processo de castração sofrido pelos negros escravos convergia para proibições que, invariavelmente, feriam os ritos, sobretudo os de natureza religiosa e festiva. O deslocamento pelas ruas, por exemplo, era realizado somente se o negro dispusesse de um documento de liberação emitido pelo seu senhor. Os encontros festivos, mesmo quando permitidos, em muitas oportunidades, eram vistos por parte dos senhores ou das autoridades como ameaças de rebeliões ou revoltas grupais.



Figura 4 – Festividades de escravos da lavoura cafeeira fluminense, registrada pelas lentes do fotógrafo José Christiano de Freitas Henriques Junior - 1863. *in AZEVEDO & LISSOVSKY, 1987.*

O cristianismo teve um papel importante na vida religiosa e conseqüentemente na adesão dos negros aos festivos católicos. Festas em homenagem a santidades eram comuns entres os fazendeiros, que, dependendo da sua proporção, contavam inclusive com a presença de escravos. Mas, a própria diversidade na origem dos negros, que ensejava a multiplicidade de religiosidades africanas, aliada ao patrulhamento dos senhores e capatazes, tornava difícil a preservação da tradição africana (COSTA, 1998). Mas, movidos pela força dos valores culturais e pela tradição, os negros, mesmo quando não autorizados, buscavam alternativas para manifestar o canto e a dança (Figura 5). Embrenhados

na mata, faziam prevalecer o sentido de que “a música e a religião estavam intimamente ligadas e exerciam força poderosa na vida dos escravos” (COSTA, 1998, p. 302).



Figura 5 – Negros escravos tocando uma espécie de atabaque, registro do fotógrafo José Christiano de Freitas Henriques Junior - 1863. *in* AZEVEDO & LISSOVSKY, 1987.

Entre os fazendeiros a luxuosidade era signo de supremacia aos olhos dos demais senhores. As fazendas de café eram, como fortalezas e castelos medievais, representativas do poder pela sua forma rica e exuberante, ornada com o que de mais reluzente estivesse ao alcance de seus proprietários. Os barões faziam questão de externalizar o seu poderio para os concorrentes produtores e para os membros da corte imperial.

Foi, de fato, interessante essa época do fastígio fluminense, em que os grandes proprietários rurais entravam numa louca competição de despesas, cada qual querendo fazer realçar mais o esplendor de sua casa, levando a vida como nababos, quer em suas vastas e luxuosas casas de fazenda, quer em seus elegantes palacetes da Côrte, onde a famulagem metida em luxuosas librés, onde as carruagens as mais belas, onde os mobiliários os mais ricos e os mais custosos objetos de arte serviam de ambiente para uma vida aprimorada, digna dos grandes fidalgos europeus (TAUNAY, 1945, p. 197).

A exposição desse cenário cuidadosamente composto pela aristocracia rural cafeeira era efetuada através de eventos festivos que contavam com a presença de um quadro variado de convidados, incluindo-se profissionais ligados à ornamentação e à música. Pires (1986, p. 25) expõe um modo de vida bastante peculiar nas fazendas, onde as festas compunham uma atmosfera de pujança e ostentação:

As festas eram memoráveis. Delas participavam convidados da Corte e vizinhos também proprietários. A pretexto de casamentos, aniversários ou outras comemorações, convidava o anfitrião os amigos e conhecidos, que se hospedavam na sede por dias seguidos. Instalados nos aposentos, recebiam um tratamento cortês e permanente dos pajens, saindo ora para passeios nos arredores, ora a cavalo por sítios pitorescos próximos ou distantes. À noite, havia os saraus de música e canto. Os banquetes eram lautos, com dezenas de criados a servirem.

Lório (1953, p. 263) registra também, dentro de um universo de monotonia de Conservatória, a presença da música e de músicos vindos de fora, entre a sociedade escravocrata fluminense do século XIX

Havia luxo, animação, grandes festas com os maiores cantores da corte, um prado de corridas de cavalos e vários estabelecimentos de ensino (...). Também a educação artística não ficou descurada, pois os pianistas André Schmidt e Carlos Soares, além do maestro Venâncio Rocha Lima, aceitavam alunos de música.

Outra referência à presença de aulas de música na sociedade conservatoriense é feita por Noronha Santos (2007, p. 67),

Em 1859 havia em Conservatória dous collegios particulares – um para o sexo masculino e outro para o feminino. O de meninos estava sob o magistério de José Amaro de Lemos Magalhães, ministrando-se instrução primaria e rudimentos de geographia, latim e inglez. No collegio de meninas ensinavam-se as primeiras letras, francez, geographia, canto e música. Era directora D. Rita Sá Lobata.

Pelo Almanach Laemmert de 1886 vêmos que funcionava neste anno uma aula de musica, dirigida por Venâncio da Rocha Lima Soares.

Dous professores de piano leccionavam no arraial: André Schimidt e Carlos Janin.

Aquele contexto rural, permeado por direcionamentos relacionais distintos, dentre os quais a música e a musicalidade, tornou-se formador de um legado de signos e identidades que permitiram o início de uma tradição musical no século XIX, representada pelas serestas/serenatas, que se mantém viva até o presente. Esse entendimento encontra eco no pensamento de Moreira (2002, p. 3):

Em sua historicidade uma identidade social carrega tudo aquilo que foi, criou e se tornou, bem como tudo aquilo que incorporou da sociedade, consciente ou inconscientemente. É nessa confluência incerta do passado e do futuro que, no presente, se expressa a identidade em existência.

Esse cenário descendente do esplendor econômico cafeeiro ocorrido no interior fluminense até as primeiras décadas do século XX, destacadamente no Vale do Paraíba, imputou à musicalidade das serestas e serenatas vivenciadas noturnamente através dos logradouros de Conservatória, dotar aquele local de um elemento característico e exclusivo que nas últimas décadas do século XX passaria a se constituir em uma ímpar produção cultural fluminense e também geradora de renda por conta da conseqüente atividade turística.

Assim, torna-se importante conhecer a gênese dessa manifestação cultural presente no espaço interiorano do Estado do Rio de Janeiro, conforme propõe a seção seguinte.

2.1.2 AS ORIGENS DAS SERESTAS E SERENATAS NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE

Segundo Tinhorão (1976), o hábito de cantar e tocar um instrumento de cordas ao longo das noites e nas ruas, com o propósito maior de expor sentimentos à mulher amada, nasce no fim da idade média, espalhando-se por todo o ocidente.

Essas cantorias, geralmente solitárias, foram batizadas pelos espanhóis de *serenada*, com o correspondente em língua portuguesa de serenata, cuja base etimológica deriva do latim *serenus*, expressando céu desanuviado ou calma, tranqüilidade.

A serenata no Brasil tem a origem registrada na primeira metade do século XVIII, no estado da Bahia com a presença de portugueses que cantavam e tocavam suas violas pelas ruas, sob as janelas de fortuitas damas que se prestavam a pelo menos ouvi-las, ainda que fosse de forma oculta.

O Rio de Janeiro, por já ostentar uma condição política e urbana privilegiada, foi também palco dos primeiros cantadores de serenatas do Brasil, momento em que o país já vivenciava um considerável dinamismo econômico com a atividade aurífera do século anterior e que, de certa forma, ritmava ainda mais a vida social, principalmente em relação à elite, que se encarregava de arrebanhar para os seus círculos de relacionamento os cantores de rua que se destacavam naquele contexto. A continuidade da serenata era reservada a cantores mais anônimos, motivados por tentarem se igualar aos cantores de salão, caracterizados por Tinhorão (1976, p. 10) como

românticos cantores de modinhas, para os quais se criaram nomes como serenateiros, serenatistas, sereneiros e seresteiros, (que) vinham representar o papel de artistas aos quais a evolução social urbana encarregava de dar voz à alma musical do povo, numa época em que – pela inexistência dos meios de reprodução sonora, só possíveis com o advento do disco – a profissão de cantor ainda não existia e, portanto, a divulgação das canções dependia, como há três séculos, da iniciativa e do talento de humildes e anônimos menestrelis.

No ambiente da produção cafeeira do Vale do Paraíba Fluminense, as ricas festas promovidas pelos barões do café eram, como já anteriormente abordado, representativas quanto à duração (poderiam atravessar dias) e à quantidade e qualidade dos convidados. O contingente de criados envolvidos era numeroso, bem

como a variedade de comidas e bebidas, cuja fartura condizia com o excessivo acúmulo pecuniário decorrente da comercialização do café. Os banquetes eram sucedidos por música, geralmente executada por músicos convidados que animavam o evento com bailes duradouros, marcados por casais em traje de gala, conforme descreve Taunay (1945, p. 218 e 220).

As grandes festas revestiam-se de tal aparato, que constituíam verdadeira reviravolta à vida ordeira da fazenda. Das visinhanças e da Côrte acudiam os convidados. Para dar maior brilho aos folguedos, um dos vizinhos mandava a sua banda de música e outro oferecia o refôrço do seu pessoal de cozinheiros, doceiros, copeiros etc. Rezes, capados, carneiros e leitões eram abatidos em quantidade. Além do pessoal da casa, eram utilizados profissionais de fora. Faziam-se vir do Rio de Janeiro, chefes de cozinha e de copa. (...)

Os salões e salas garridamente ornamentados e belamente iluminados por velas de libra, em grandes lustres de cristal dilapidado e em candelabros de prata, apresentavam feérico aspecto. As danças em voga eram valsa vienense, a polca; a mazurca, o schottisch e a varsoviana. E, freqüentemente, às dansas europeas se entremeava o miudinho, causador de muitas joviais expansões.

Sem prejuízo da correta interpretação contida na literatura que envolve o ciclo do café a partir do século XVIII, onde gerações de escravos e indígenas tiveram suas mentes e seus corpos exauridos pela chibata e pela exploração do trabalho não-remunerado, não podemos negar e sem pretender impor qualquer caráter compensatório, que aqueles poderosos senhores das fazendas de café foram especialistas em festejar. Nesse sentido, Taunay (1945, p. 217/218) evidencia, ainda, que as festas caseiras eram mais repetidas e os fazendeiros se utilizavam dos mais elementares argumentos para a sua realização.

As festas caseiras ocorriam freqüentes nos aniversários natalícios, casamentos e batisados. Muitas vêzes se deviam a simples pretextos de qualquer natureza.

Sôbre êste particular, se conta que alguns fazendeiros dos mais letrados e não menos folgazões, a fim de se recrearem, davam divertidíssimas festas em comemoração, por exemplo, ao Triunfo do Cristianismo, à Descoberta do Brasil, etc., assim como a propósito de fatos da Religião, da História e até da Lenda.

Nessas festividades os cantores exerciam um papel muito importante na manutenção do ânimo dos convidados com suas músicas. E quando as festividades terminavam esses cantores exibiam a sua qualidade artística noite afora em serenatas pelos logradouros das redondezas em pleno século XIX, conforme descreve Taunay (1945, p. 221/222):

Em geral, os mais apreciados eram os cantores, êmulos dos antigos menestréis. Dotados de voz mais e menos maviosa, alegravam o ambiente com as plangentes toadas das modinhas e demais canções sentimentais. Quando indispostos, porém, quase sempre por excesso de gulodice, não havia meio de abrirem a boca, declarando-se: — não inspirados. Comumente se faziam acompanhar ao violão, à flauta ou ao piano, para cuja execução não faltavam *mumbavas* (nome dado a espécie de convidados).

Em noites luarentas saíam aos grupos, fazendo românticas serenatas em que não deixavam de executar lacrimosas valsas e complicados choros, ao toque do cavaquinho ou das guitarras.

Embora não se saiba exatamente em que porção do Vale do Paraíba, mas o relato acima possivelmente seja o único registro bibliográfico da ocorrência da serenata nessa região ainda no século XIX, o que reforça tremendamente o quanto a música exerceu um papel criador de identidade em Conservatória, criando-lhe uma marca indelével conforme descreve a posterior seção.

2.1.3 A DIMENSÃO IDENTITÁRIA DAS SERESTAS E SERENATAS EM CONSERVATÓRIA

Não há indicação precisa do exato momento que se configura como o início das serestas e serenatas da forma como ocorrem atualmente em Conservatória. Os registros denotam (CADEIA PRODUTIVA DA ECONOMIA DA MÚSICA, 2003), no

começo do século XX, a passagem de tropeiros trazendo consigo seus violões e tocando suas modinhas nas diversas paradas pela região, incluída a Vila de Conservatória, ainda com a denominação de Rio Bonito¹¹.

Entretanto, o que tem prevalecido nas raras bibliografias sobre o início das serestas e serenatas em Conservatória é a referência, conforme já citado na página 61 do presente trabalho, sobre a atuação de um músico chamado André Schimidt que, seduzido pelo pulsar da economia cafeeira, por volta de 1869, passou a habitar o vale onde, além de ensinar francês e alemão, “tocava seu violino na praça da Matriz e toda a população cantava ao redor” (FONSECA, 1986, p. 19). A partir de então a história oral dá conta de registrar o gosto pelas reuniões em noites de sábado, onde músicos entoavam suas violas em modinhas e outros tipos de canções endereçadas a mulheres que aguardavam à beira da janela¹².

A preexistência de um contexto social caracterizado, dentre outros, pela presença de grandiosas festas movidas por música que extrapolava os limites da fazenda, ganhando os espaços dos logradouros próximos, foi um campo fértil para a preservação e ampliação da ocorrência das serestas e serenatas nos séculos ulteriores. Associa-se a isso a disponibilidade de uma paisagem irremediavelmente bucólica, matizada por um patrimônio cultural representado por casarios do tempo do império que, apesar de intensamente modificados, são até hoje registros desse importante momento da vida social, política, cultural e econômica do Rio de Janeiro.

¹¹ “Por força do decreto-lei estadual nº 32-A, de 31/03/1938, o distrito de Rio Bonito teve o seu topônimo alterado para Conservatória (...). Por efeito do decreto-lei estadual nº 1.055, de 31/12/1943, confirmado pelo nº 1.056, da mesma data, o distrito de Conservatória foi transferido do município de Marquês de Valença para o de Barra do Piraí, onde figurou no quinquênio 1944-1948. Em virtude do artigo 9º do Ato das Disposições Constitucionais transitórias, promulgado em 20/06/1947, o distrito de Conservatória foi desmembrado do município de Barra do Piraí e reincorporado ao município de Marquês de Valença” (IÓRIO, 1943, p. 261).

¹² Segundo relato de entrevistados, quando a serenata passava, ao longo dos anos 30, 40 e 50 do século XX, as moças mais ousadas abriam a janela para apreciar o cantador. Mas o mais comum era ouvir a serenata com as janelas fechadas, em respeito ao pai. O sinal de satisfação era dado com piscar das luzes dentro de casa.

O relato de antigos moradores e seresteiros dá conta da presença dos irmãos José Borges de Freitas Netto e Joubert Cortines de Freitas, na década de 1930 e 1940, como personagens determinantes na propagação da música cantada na forma de seresta e serenatas em Conservatória (figura 6). Os irmãos Borges são considerados nas publicações sobre o tema, e entre antigos moradores e seresteiros, como os efetivos responsáveis pela valorização das serestas e serenatas. Segundo relato do próprio José Borges, falecido em 29/11/2002, o ano de 1938 foi o ponto de partida para sua adesão ao movimento seresteiro, que já era comum naquele período. Ainda jovem, agregou-se aos músicos da ocasião e passou a cantar, a tocar e a compor canções afins com o estilo musical que envolve as serestas e serenatas. Segundo Fonseca (1986) nesse período alguns músicos já faziam parte do cenário de musicalidade originário das serestas e serenatas, tais quais: Emérito Silva, Irineu Nogueira, Heitor Simões, Barra Sobrinho, o Zezinho Barra.

Com o falecimento de Emérito Silva (possível líder do movimento seresteiro) na década de 1960, os irmãos Borges paulatinamente imprimem às serenatas uma nova frequência, com os eventos passando a acontecer diariamente no período de férias escolares e feriados prolongados.

A década de 1960 pode ser considerada como um divisor de águas na história da Vila de Conservatória, em função da ocorrência de dois acontecimentos marcantes para a ampliação do reconhecimento de Conservatória como local de serestas e serenatas.



Figura 6 – Vista parcial da parte central do distrito de Conservatória, Município de Valença-RJ. Fotografia do acervo de Luiz Francisco Moniz Figueira. A data do registro fotográfico é indefinida (possivelmente da primeira metade do século XX).

O primeiro é a idealização, por parte do Sr. José Borges¹³ (figura 7), do projeto conhecido como “Em toda Casa uma Canção” (anexo 6), que consistiu na colocação de plaquetas nas fachadas das casas contendo o nome de uma composição, cantada nas serestas e serenatas, com seu(s) respectivo(s) autor(es). Segundo manifesto publicado em folheto confeccionado pelos irmãos Borges (anexo 7) fica evidente o valor identitário das serenatas e o seu vínculo com o lugar.

Projeto EM TODA CASA UMA CANÇÃO

Objetivo: Perpetuar nas fachadas das casas de Conservatória, através da colocação de placas, as canções de amor brasileiras que (i) estão consagradas nas serenatas do lugar e/ou (ii) têm um significado histórico-sentimental na vida do morador. Nota: Ao **Centro Urbano** do distrito ficam destinadas às canções que se enquadram no item (i), ou seja, os clássicos consagrados ao longo dos anos pelo canto em serenata, nas ruas de Conservatória.

¹³ Na madrugada do dia 27 de maio de 2001 tivemos a oportunidade conversar, por cerca de 90 minutos com o Sr. José Borges, nos seus 79 anos, e percebemos a dimensão do seu envolvimento com o lugar e com a serenata. Segundo seu relato, ele renunciou sua profissão de advogado para se dedicar quase que integralmente à manutenção daquela manifestação cultural.

Evandro Cyrillo Marques – 15/04/2006



Figura 7 – Escultura em homenagem a José Borges de Freitas Netto de autoria de Mário Campioli, inaugurada em 31/05/2003 e feita em fibra e resina. Na base da obra uma placa indica o nascimento em 09/11/1922 e a data do falecimento em 29/11/2002.

A conclusão do projeto ocorreu em dezembro de 2003, com 403 plaquetas (figuras 8 e 9) afixadas nas fachadas das casas do centro de Conservatória, preservadas até os dias de hoje e visível aos visitantes que chegam naquele distrito.

A influência dos irmãos Borges para a perenidade das serestas e serenatas em Conservatória foi decisiva. O projeto “Em toda Casa uma Canção” reforçou os laços existentes na definição da música como elemento cultural e fixador de

identidades, abrindo um caminho muito propício para o futuro desenrolar da atividade turística que se deflagraria futuramente em Conservatória.



Figura 8 – Fotografia da fachada de uma das residências do centro de Conservatória contendo uma plaqueta.



Figura 9 – Detalhe da plaqueta da Figura 8.

Sobre a vinculação da música com os aspectos identitários, Carney (2007) observa que os espaços podem ser modelados e hierarquizados por elementos psicológicos e simbólicos derivados da música. O lugar torna-se um cenário inspirador para que uma pessoa ou um grupo possam produzir música, pois ele representa, invariavelmente, um contexto histórico, ambiental e social. Logo, face às particularidades dos lugares, a música pode ser inspiradora dessas distinções espaciais, formadoras de uma identidade particular e “carregada de sentidos reais e simbólicos que podem ter significado para seus moradores e até para os não-moradores” (CARNEY, 2007, p. 147).

Como forma de reconhecimento da influência dos irmãos Borges para o distrito de Conservatória, em 29/03/2007, foi sancionada, pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, a Lei nº 5.008 (anexo 4) que denomina de “Rodovia José Borges de Freitas – Irmãos Borges” o trecho da Rodovia RJ-143 que liga o Distrito de Conservatória à Rodovia RJ-145 na sede do município de Valença-RJ. Em 14/11/2007, foi sancionado o Projeto de Lei nº 432/2007, que concede a Rodovia RJ-137, de Conservatória a Santa Isabel do Rio Preto, no município de Valença, o nome de Rodovia Irmãos Freitas. Esse trecho rodoviário é reconhecido localmente com o sugestivo nome de Rodovia Canção do Amor (Figura 10), e constitui-se no principal eixo rodoviário para se chegar até a parte central do distrito de Conservatória.



Figura 10 – Placa sinalizadora, afixada pelo Departamento de Estradas e Rodagens – DRE do Estado do Rio de Janeiro, no distrito de Conservatória, indicando a rodovia RJ-137, conhecida no município de Valença como Rodovia Canção do Amor, em homenagem às serestas e serenatas ocorridas em Conservatória.

Um outro acontecimento ocorrido na década de 1960 e que implicaria em uma exposição maior de Conservatória foi a publicação de uma reportagem na Revista “O Cruzeiro”¹⁴, na edição de 13/01/1968. A matéria jornalística evidenciava os atrativos que a pacata vila de Conservatória apresentava, destacando o modo de vida de seus habitantes e alguns de seus personagens. O texto, bastante ilustrativo, faz alusão à vila de Conservatória como um lugar tranquilo, com casas poéticas e coloridas, relicário do Brasil colonial, e com aspectos de uma típica cidade do interior, embora a monotonia fosse quebrada pela oferta de atrações, dentre as

¹⁴ A Revista O Cruzeiro foi um dos principais veículos comunicacionais da mídia impressa ilustrada nos anos 1940, 1950 e 1960. Começou a ser publicada em 10 de novembro de 1928 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Foi importante na introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa brasileira, citando entre suas inovações o fotojornalismo e a inauguração das duplas repórter-fotógrafo, a mais famosa sendo formada por David Nasser e Jean Manzon que, nos anos 40 e 50, fizeram reportagens de grande repercussão nacional (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_O_Cruzeiro). Acesso em 05 fev 2008.

quais a missa na Igreja Matriz e cantos dos violões. A reportagem no seu primeiro parágrafo descrevia a inusitada existência de placas nas casas e ao longo do texto enfatizava o fascínio propiciado pelas serenatas (figura 11),

O fato de você ver no Rio, São Paulo, Belo Horizonte ou Salvador, placas de ruas com nomes de compositores, não seria, digamos assim, uma coisa extraordinária. Mas, encontrar num pequeno distrito de Valença, no Estado do Rio: Fernando Lobo, Vinícius de Moraes, Baden Powell, Orestes Barbosa, Noel Rosa, Sérgio Ricardo e outros – com suas respectivas musiquinhas – emplacados em casas coloniais, já dá para despertar a curiosidade (...). E as famosas serenatas, que há 50 anos dão um colorido sedutor às noites de Conservatória: não há como resistir (...).

Há algum tempo atrás, os seresteiros resolveram homenagear os compositores das músicas mais solicitadas nas serenatas. Inúmeras placas, cada uma delas com o nome de uma música e de seu autor, foram surgindo nas fachadas das casas. A idéia é que, no futuro, cada casa da cidade tenha o nome de uma canção (LIMA, 1968, p. 99; 102).

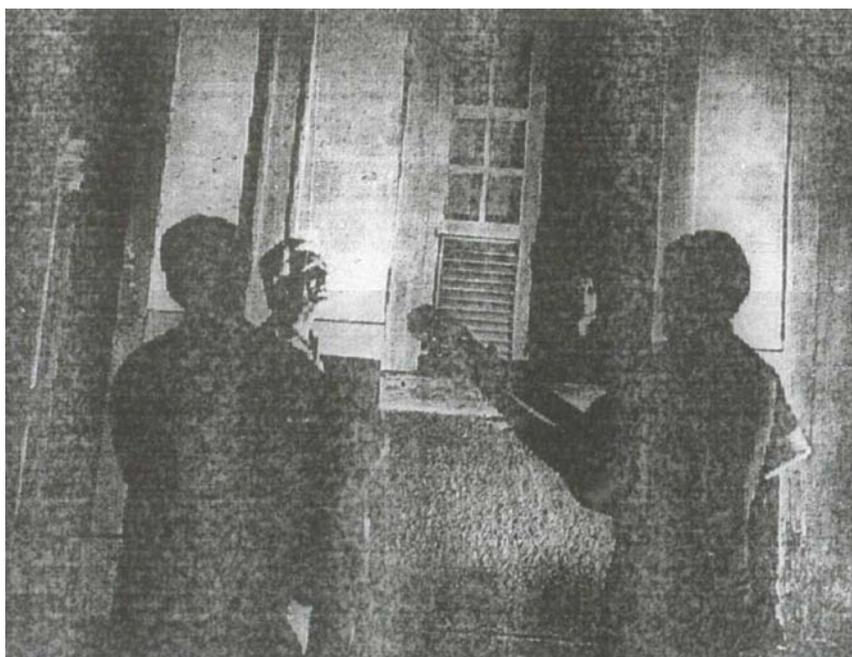


Figura 11 – Dois músicos na serenata de Conservatória. Fotografia tirada por Geraldo Viola para a reportagem da Revista O Cruzeiro, edição de 13/01/1968. (LIMA, 1968, p. 100)

O advento das placas associado à reportagem da Revista O Cruzeiro foram os ingredientes para que as serenatas e serenatas passassem a despertar o interesse das pessoas de outras localidades, já sinalizando o turismo cultural como uma perspectiva cercada de viabilidade para o distrito de Conservatória e a sua integração ao cenário do turismo no Estado do Rio de Janeiro.

Contudo, cabe desvendar a influência da dimensão identitária das serestas e serenatas nos moradores de Conservatória que nesta pesquisa se concretizou através de entrevistas realizadas com moradores, cujo resultado é apresentado no item subsequente.

2.1.4 A IDENTIDADE CULTURAL REVELADA POR RESIDENTES EM CONSERVATÓRIA

Objetivando apurar o sentimento de pertencimento e identidade daqueles que vivenciam o lugar das serestas e serenatas na atualidade, estabelecemos o questionário aberto (anexo 1), baseado no método de *survey* (MAY, 2004), que objetiva a descrição de opiniões de um grupo através de uma amostra que guarde representatividade qualitativa sobre o tema pesquisado.

Foram distribuídos formulários para trinta moradores que tivessem dez anos ou mais de residência em Conservatória. Todos os participantes são moradores do centro de Conservatória e de certa forma, sendo adeptos ou não, vivenciam o cotidiano das serestas e serenatas.

As questões formuladas, em síntese, buscaram captar: a) o que, espontaneamente, gera identidade em Conservatória; b) se as serestas e serenatas se configuram como marcantes para o espaço de Conservatória; e, c) a relação entre as serestas e serenatas e o turismo realizado em Conservatória.

As respostas oferecidas evidenciaram para o primeiro grupamento de perguntas (6, 7 e 8, conforme anexo 1) uma relação forte entre os respondentes com a música e a tranquilidade vivenciada no lugar. Para a maioria, a construção

histórica do lugar ensejou na vila uma condição ímpar que a traduz como um local seguro, verde e florido, poético e de clima agradável. A história do café surgiu também nas respostas como um elemento motivador da ambiência acolhedora de Conservatória e que se mantém preservada nos dias atuais. Palavras como amor, poesia e musicalidade foram resgatadas como argumentos de identificação entre alguns dos moradores pesquisados.

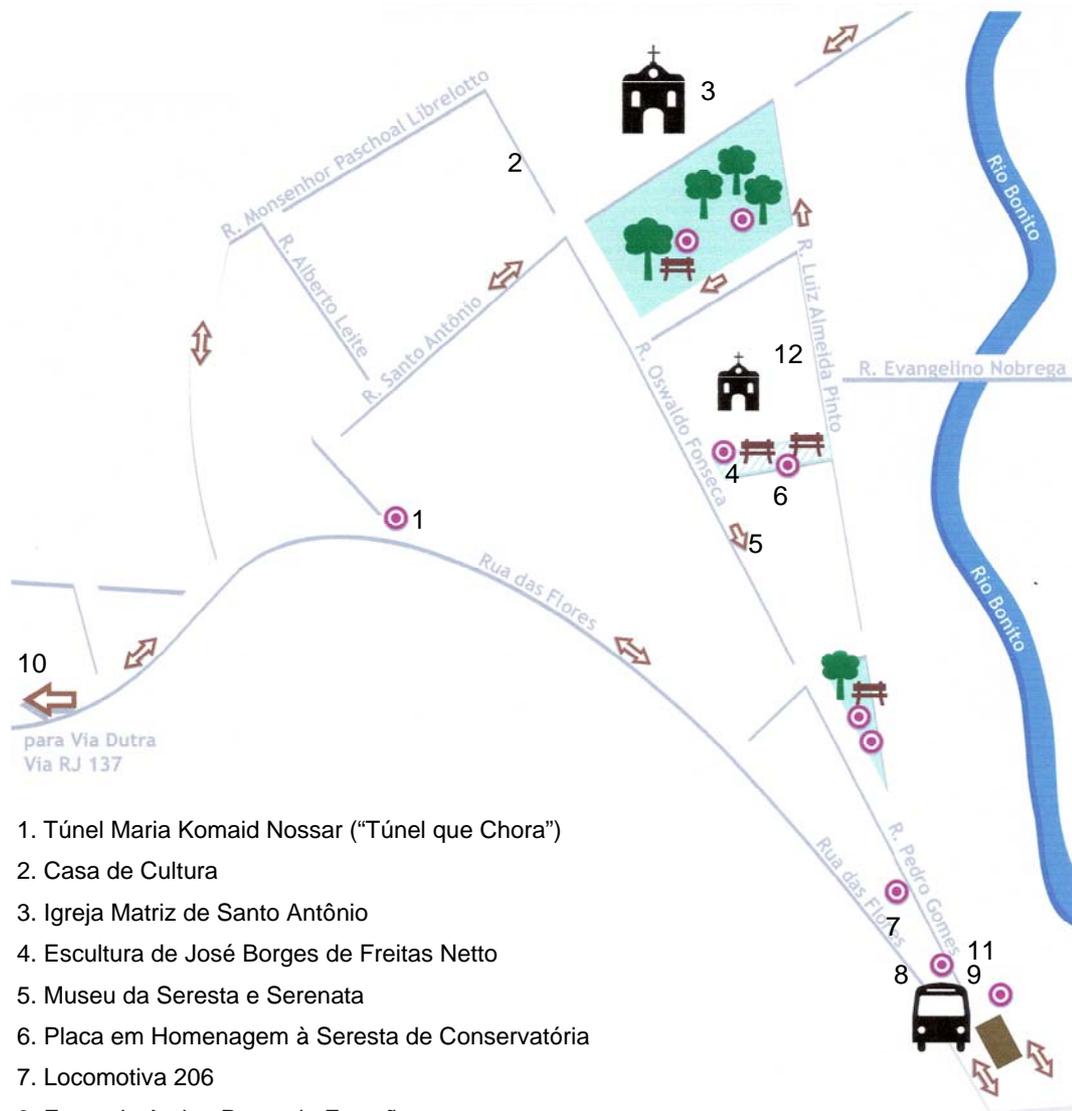
As serestas e serenatas foram freqüentemente apontadas como geradoras de identidade ao lugar. Respostas como: “sempre gostei muito de música. Não me vejo morando fora daqui...”, ou “... me identifico muitíssimo com o museu da seresta, a serenata, os violões e seus seresteiros”, transmitem o sentimento de particularidade, tanto em relação à manifestação cultural das serestas e serenatas, quanto ao lugar. O simbolismo gerado pela música é referencial para os moradores quando comparam Conservatória a outro contexto espacial, suscitando a identidade partilhada em um espaço comum. As serestas e serenatas expressam-se como uma modalidade cultural exclusiva do lugar na visão de seus moradores e com isso se definem como portadores de qualidades que outros, externos a ele, não têm. Essa percepção ganha amparo em Le Bossé (2004, p. 162) quando este aponta,

De uma forma mais descritiva, toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas.

Os moradores foram assertivos em indicar a serenata (bem como as serestas) como símbolos maiores de Conservatória, mesmo com o distrito contando com fixos históricos (figura 12) e destacados em sua paisagem, como a Igreja Matriz de Santo Antonio, a Casa da Cultura, a Ponte dos Arcos, Túnel “Que Chora” (Túnel Maria Komaid Nossar), A Estação Ferroviária e a Locomotiva 206, dentre outros,

embora as respostas façam menção a esses monumentos. A arquitetura, incluindo o casario colonial, foi o segundo aspecto mais destacado entre os símbolos da vila, o que sugere o resgate do passado cafeeiro, ainda presente no imaginário de seus moradores.

Figura 12
Planta da Parte Central do Distrito de Conservatória
Fixos Históricos



1. Túnel Maria Komaid Nossar ("Túnel que Chora")
2. Casa de Cultura
3. Igreja Matriz de Santo Antônio
4. Escultura de José Borges de Freitas Netto
5. Museu da Seresta e Serenata
6. Placa em Homenagem à Seresta de Conservatória
7. Locomotiva 206
8. Fonte da Antiga Praça da Estação
9. Monumento ao Cantor e Compositor Paulo Tapajós
10. Ponte dos Arcos
11. Museu Vicente Celestino e Gilda de Abreu
12. Museu Silvio Caldas, Gilberto Alves, Nelson Gonçalves e
Guilherme de Brito

Fonte: Instituto Idéias (adaptado)

A questão 8 (quais são os símbolos de Conservatória?) tem na resposta do Sr. Pedro Quinane Jorge, morador de Conservatória desde 1951, uma síntese do que simboliza a música para os moradores do distrito: “O amor à música através das serestas e serenatas. Existe algo que paira no ar, que faz com que as pessoas que vêm a Conservatória se apaixonem pelo lugar, voltando sempre”.

Manifestos como esse explicitam o caráter identitário do lugar que se constrói através de uma manifestação cultural cuja gênese se encontra em dado momento do século XIX e que movimenta o imaginário coletivo, reforçando “os laços topofílicos concernentes a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o meio-ambiente” (MELLO, 2000, p. 180). Assim a história recente e ainda pulsante, o patrimônio físico-cultural e o despertar de uma atividade cultural intensa são capazes de provocar o sentimento de fixidez, a formação de identidade e o sentido de lugar.

Os símbolos¹⁵ denotam modos de conhecimento e comunicação e nos lugares realçam as construções sociais situadas no espaço-tempo e expõem paisagens muitas vezes constituídas a partir de “obras literárias, pintura, música e cinema, consideradas suas representações a partir de diferentes grupos sociais” (MELO, 2001, p. 35). Nesse sentido, em consonância com o que reflete BOURDIEU (2002), as serestas e as serenatas expressam um poder simbólico em Conservatória, porque reconstroem uma nova realidade social, sob a mesma base material fundada no século XIX, e, uma também nova, interpretação particular de mundo que repercute coletiva e socialmente entre seus moradores e seus visitantes.

Ao serem questionados sobre a vinculação das serestas e serenatas como marcantes para história e para o espaço de Conservatória (questão 9), a resposta afirmativa obteve frequência absoluta e sob justificativas que realçam o significado

¹⁵ RIBEIRO (2006) estabelece uma discussão conceitual merecedora de atenção por parte dos geógrafos acerca da noção de simbólico.

indutor para a existência do turismo no distrito, sem prejuízo da áurea simbólica que carregam, conforme já anteriormente abordado.

Os argumentos mais repetitivos nesse quesito foram que as serestas e serenatas são úteis ao progresso de Conservatória, pelo fato de atraírem turistas, que promovem o desenvolvimento do distrito e conseqüentemente do município por que geram empregos, e que também são responsáveis por torná-lo reconhecido até internacionalmente. O enraizamento no imaginário chega a provocar respostas de que Conservatória é realmente um “pedacinho do céu”¹⁶ e não fossem as serenatas “Conservatória morreria”. A exclusividade da ocorrência das serestas e serenatas em Conservatória foi assinalada como um dado imperativo para o seu eixo espaço-temporal, bem como de ser geradora de identidades.

A visão dos entrevistados sinaliza para uma compreensão de que as serestas e serenatas funcionam como um fio condutor, tanto para a história e espacialidade do distrito, quanto para a sua integridade e longevidade. O fato de as serestas e serenatas estabelecerem uma relação direta com o turismo e, por conseqüência, com a economia local conduz seus habitantes à crença de que a atividade deva ser incentivada, sob determinadas condições, para que Conservatória se perpetue guardando a sua tradição, que envolve a música e seu patrimônio cultural, ou simplesmente suas fontes geradoras de identidades.

A vila de Conservatória, assim, reúne elementos culturais característicos, dotados de historicidade, identidades e do poder simbólico, que lhes confere a perspectiva de inscrição na tipologia do turismo cultural, onde no espaço fluminense não é verificada qualquer manifestação correspondente, guardada a analogia de

¹⁶ A expressão “Pedacinho do Céu” é utilizada comumente pelos moradores quando querem se referir a Conservatória de forma mais afetuosa. A origem é desconhecida, mas possivelmente guarde vínculo com o trecho da composição “Balé do Vagalumes”, de José Borges de Freitas Netto, quando, em seu último verso descreve “... vagalumes da saudade/são estrelas pequeninas/pedacinhos de luar”.

seus desdobramentos e suas dimensões, cujo aprofundamento desta abordagem se dará no capítulo 3 adiante.

3 O TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA

*Cada lugar é, a sua maneira, o mundo.
(Milton Santos)*

O turismo tem despontado como uma atividade permeada por possibilidades interpretativas que excedem o critério motivacional de se deslocar que cada indivíduo tem quando planeja e executa a sua viagem. E quando o elemento cultural é adicionado a esse universo a sua qualidade de representar uma experiência de natureza social ganha relevância, da mesma forma, como o seu papel de vetor dialógico intercultural. O capítulo que se inicia oferece alguns caminhos para a aceção de turismo cultural e aborda pontualmente a sua experiência vivida em Conservatória.

3.1 BASES PARA A COMPREENSÃO DO TURISMO CULTURAL

Mesmo diante de um quadro teórico ainda pouco aprofundado, o turismo cultural se constitui em um segmento passível de investigação da maior importância na atualidade e tem sido tratado com muita atenção por parte dos geógrafos. Pires (2002, p. VIII) aponta para “as mais diferenciadas abordagens” que o turismo enseja como motivadoras da escassez de bibliografias especializadas sobre o turismo e lazer culturais.

Considerada como um fenômeno social revestido de materialidade espacial, a atividade turística ganha valor no cenário econômico e cultural moderno. Guardando

fortes nexos com a atual e maciça presença do vetor técnico-científico-informacional, o turismo vem sendo observado como uma das atividades mais destacadas no sentido de promover um maior dinamismo das economias em escala local e global. É de suma importância considerar essas vinculações no bojo do lugar de turismo cultural, onde, paradoxalmente, produção cultural e demanda econômica se encontram.

O turismo cultural se insere na ampla tipologia do turismo “em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana” (BARRETO, 2000, p. 19). Está sob enfoque um conjunto amplo de possibilidades de manifestações culturais que abriguem em sua essência a arte, a historicidade, o patrimônio cultural, as manifestações culturais e o cotidiano, e que motivem o deslocamento de pessoas para a sua vivência.

Para Moletta (1998) o turismo cultural canaliza o acesso ao patrimônio cultural, à história, à cultura e ao modo de viver de um grupo social, independentemente de oportunizar ao visitante o lazer e o repouso. É incentivador ao turista cultural o conhecimento de regiões onde a base da história de um povo encontra-se situada nas suas tradições, manifestações históricas, culturais e religiosas.

Cabe, no entanto, situar o turismo cultural no bojo de uma escala espacial de ocorrência. Para Castrogiovanni (2002, p. 59), “a diversificação das formas do turismo está associada ao território em que é praticado”. Assim, a totalidade das manifestações turísticas, como o turismo de saúde, de negócios, o ecoturismo e o turismo cultural integram a esfera do território.

O turismo, reconhecido como realidade social e econômica, focaliza a cultura, além de um “mero diferencial mercadológico em roteiros sofisticados” (GASTAL,

2002, p. 70), como um eficiente vetor na constituição da dinâmica territorial, matizada pela própria paisagem cultural forjada e seus agentes. A concepção de território passa fundamentalmente pelo viés cultural e político (HAESBAERT, 2001), o que nos possibilita compreender que um espaço pode ser apropriado simbólica e culturalmente por um grupo, e este lhe pode imprimir feições distintas, repercutindo cultural e economicamente em seu derredor. Santos (1997, p. 262) chama atenção para o grande número de eventos materializados no espaço que permite romper com as sensações e significados construídos no âmbito escalar do local, estabelecendo-se o movimento como elemento capaz de alterar a dinâmica do território.

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa. Daí a idéia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização.

O turismo cultural é portador de meios para estabelecer um ponto de contato entre as dimensões global e local, identificando mais detalhadamente com isso seus conflitos. A preservação do patrimônio cultural, assim como, a exposição das tradições culturais, exemplificam a realização do turismo, como possibilidade de conexão entre culturas distintas, oriundas do “global” e do “local”, conforme aponta Ferrara (2002, p. 79):

Sem dúvida, as realidades e peculiaridades locais passaram a ter (...) uma expansão global de onde decorrem relações culturais de mútuo atrito, contaminação e inter-relação entre todos os lugares; é o que se pode observar com os conflitos singulares em várias regiões do mundo, que passam a despertar atenção, juízos, quando não solidariedades várias e imprevistas relações.

Para Rodrigues (1999), o fortalecimento das distinções – visualizadas no âmbito do lugar – serve como elemento de aproximação ao global, e o turismo, que

se consagra pela atração de pessoas às novidades, inclusive àquelas que guardam a força de identidade do lugar, constitui-se em um propulsor em revelar esse poder. Assim, o lugar turístico guarda estreitas relações com a criação de valores simbólicos e com as experiências de vida das pessoas que o constrói e o reconstrói.

Diversas são as questões que envolvem a criação de lugares turísticos. As tradições e manifestações culturais de certos grupos podem constituir espontaneamente a concepção do lugar turístico, ainda que a estruturação material para a prática do turismo esteja situada fora desses grupos. No entanto Corrêa (informação verbal)¹⁷ elenca seis motivações não espontâneas na criação do lugar turístico, que o caracteriza muito mais como um *enclave*, “programado de fora para dentro, sem contato externo e fechado em seus limites”:

- 1) A invenção da tradição;
- 2) A criação de simulacros e *metáforas*;
- 3) A refuncionalização do lugar;
- 4) O fortalecimento da identidade nacional;
- 5) A valorização da natureza; e,
- 6) A valorização da memória.

A prática do turismo cultural tende a universalizar o lugar, através da fruição dos atores globais, de modo que “a produção global do turismo seja baseada, sobretudo, em novas formas de organização da atividade que impõem ritmos à sociedade” (SILVEIRA, 1999, p. 39).

A compreensão das tradições culturais como vetores do fluxo turístico suscitam um olhar aprofundado para o interior dos grupos sociais de modo a reconhecer a sua história e os recursos materiais que consolidaram a manifestação no espaço e como ela se revela para os turistas. Nesse sentido, Meneses (2002, p. 98) aponta quatro questões pendentes extraídas do turismo cultural. A primeira de

¹⁷ Palestra proferida pelo Professor Roberto Lobato Corrêa no Programa de Pós-Graduação-Mestrado do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, no dia 25/11/2005, sob o título “Região, Paisagem, Lugar e o Turismo”, para a disciplina Geografia do Turismo.

natureza territorial, onde indica o risco do empobrecimento e da alienação local diante “dos novos peregrinos”. A segunda, estabelecida nos limites dos olhares superficiais em detrimento de um maior conhecimento pelo o que se passa no interior das culturas. O terceiro desafio residiria no equilíbrio existente entre massa, indivíduo e ritmos culturais. E, por fim, uma quarta questão posicionada no universo das diferenças entre cultura e identidade/alteridade.

O turismo cultural reveste-se de uma perspectiva globalizante, mas pontuado pela dimensão local. A perenidade dos fluxos contidos do mundo globalizado ativa as práticas do turismo em todas as suas possibilidades, dentre as quais o turismo cultural. Movimentações de dinheiro, mercadorias e pessoas compõem esse quadro, misto de sedução e ameaça às manifestações culturais locais.

No bojo da instantaneidade e ubiqüidade do dinheiro que permeiam as relações na sociedade contemporânea, o turismo tem contribuído enfaticamente nas finanças de vários Estados-nação, cuja dependência a esse setor tem sido crescente nas últimas décadas. Rodrigues (2001, p. 10) chama a atenção para o fato do turismo se exprimir como “uma expressiva atividade econômica, convencional como outra qualquer, deixando de lado posições radicais e o romantismo que ainda perpassam o discurso de muitos estudiosos do fenômeno”. Inclui, ainda, a atividade turística como uma das mais autênticas no cenário da globalização.

O devir do modo de produção capitalista aponta a passagem do século XX para o XXI como o período de globalização das economias, em que, assimetricamente, um pensamento programado e direcionado passa a atuar *full time* sobre as diversas porções do espaço terrestre, alterando a lógica do local e do global. Afeta, por conseguinte, a questão da localização e das identidades, conforme indicam Hardt & Negri (2001, p. 64):

A globalização, como a 'localização', deve ser entendida, em vez disso, como regime de produção de identidade e diferença, ou de homogeneização e heterogeneização. A estrutura mais adequada para designar a distinção entre o global e o local pode, portanto, referir-se a diferentes redes de fluxos e obstáculos, nos quais o momento ou a perspectiva local dão prioridade a barreira ou fronteiras desterritorializantes. De qualquer maneira, é falso querer que restabeleçamos identidades locais que, em certo sentido, estão *fora* e protegidas dos fluxos globais de capital e Império.

Santos (1997, p. 262) aponta para a profusão de eventos materializados no espaço que permite romper com as sensações e significados construídos no âmbito escalar do local, estabelecendo-se o movimento, a dinâmica como elementos entrópicos para o território.

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa. Daí a idéia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização.

Bauman (1999, p. 85) chama a reflexão sobre a sensação causal de que no mundo atual "estamos todos em movimento", e que

Muitos mudam de lugar – de casa ou viajando entre locais que não são o da residência. Alguns não precisam sair para viajar: podem se atirar na WEB, percorrê-la, inserindo e mesclando na tela do computador mensagens provenientes de todos os cantos do globo. Mas a maioria está em movimento mesmo se fisicamente parada – quando, como é hábito, estamos grudados na poltrona e passando na tela os canais de TV via satélite ou a cabo, saltando para dentro e para fora de espaços estrangeiros com uma velocidade muito superior à dos jatos supersônicos e foguetes interplanetários, sem ficar em lugar algum tempo suficiente para ser mais do que visitantes, para nos sentirmos em casa.

Dessa forma, torna-se notório o fato de Conservatória resistir culturalmente através das serestas/serenatas a essa velocidade e propiciando uma prática turística que atrai entre 1.500 e 2.000 visitantes nas noites de sextas-feiras e sábados (CADEIA PRODUTIVA DA ECONOMIA DA MÚSICA, 2003).

A resposta a essa questão reside na força do lugar, que exprime uma amálgama de oposição e associação à globalidade (SANTOS, 1997), o que pode ser facilmente observado por ocasião da leitura do regulamento (Anexo 7) dos

praticantes da seresta/serenata (características essenciais) que identifica “personagens”, em função de uma série de aspectos, categorizando-os em integrantes, participantes ou visitantes.

Conservatória, portanto, mesmo se mostrando fiel às tradições das serestas e serenatas, que atravessaram quase todo o século XX, encontra na atividade turística o ponto de contato com o mundo globalizado, onde pessoas das mais variadas origens passam a vivenciar aquela realidade cultural, materializada por uma paisagem, também cultural, que se preserva e busca incorporar-se à dinâmica típica das sociedades pós-modernas.

Assim, estruturam-se condições para a percepção e efetivação de Conservatória como um lugar de turismo cultural, conforme abordagem contida na seção seguinte.

3.2 CONSERVATÓRIA: LUGAR DE TURISMO CULTURAL

É fato que somente a partir dos anos 1960 a seresta e a serenata recebem maior divulgação, sendo objeto de procura mais intensa por turistas e por jornalistas¹⁸, recrudescendo o fluxo de pessoas em direção àquela Vila. Nesse período, o Museu da Seresta era criado pelos irmãos Borges e viria a ser o ponto de encontro das serestas nas noites de sextas-feiras e dos sábados, e de onde partiria a serenata para o seu percurso em forma de procissão (figura 13).

¹⁸ Além da já citada reportagem da Revista O Cruzeiro (página 72), em 1967, uma publicação no Jornal Diário de Notícias seria também muito importante para Conservatória no sentido de sua divulgação e identidade de seus moradores, ocasião em que o jornalista Nestor de Holanda cunha a expressão referencial à Conservatória de “Vila das Ruas Sonoras”, até hoje bastante utilizada por moradores e comerciantes quando pretendem enfatizar a dimensão musical da vila propiciada pelas serestas e serenatas.

município de Valença, na região nomeada de “Ciclo do Café”¹⁹, em que descreve o papel da agropecuária e do turismo como sua base econômica e destaca as serestas como sendo uma tradição presente na vila de Conservatória.



Figura 14 – Placa instalada na confluência da RJ-137, que dá acesso à Conservatória, com a BR-393, Barra do Piraí, entrada para o Distrito de Conservatória.



Figura 15 – Placa instalada na rodovia RJ-137, que dá acesso à Conservatória, em um trecho muito próximo ao centro de Conservatória.

¹⁹ Informações obtidas no sítio da WEB da TURISRIO, em outubro de 2006, que apresenta treze regiões turísticas no Estado do Rio de Janeiro: 1) Costa Verde; 2) Agulhas Negras; 3) Vale do Paraíba; 4) Ciclo do Café; 5) Metropolitana; 6) Baixada Fluminense; 7) Serra Tropical; 8) Serra Verde Imperial; 9) Serra Norte; 10) Baixada Litorânea; 11) Costa do Sol; 12) Costa Doce; e, 13) Noroeste das Águas. Entretanto, atualmente o mesmo órgão não disponibiliza mais em sua página na internet essa classificação.

A Prefeitura Municipal de Valença, embora, segundo depoimentos de vários moradores de Conservatória, não tenha dispensado a devida atenção ao distrito, como melhorias nos serviços de água e esgoto, por exemplo, tem a percepção do quanto o turismo cultural é importante para a economia municipal. Em sua página na WEB, a prefeitura eleva Conservatória à categoria de Capital das Serestas e desperta para o fato de suas qualidades climáticas para o tratamento de saúde e da potencialidade nos setores do agronegócio e do turismo, descrevendo assim Conservatória para o visitante de sua página na internet,

Aqui se vive a tradição das serestas. As casas são identificadas por placas com o nome e autoria de uma música de serenata escolhida pelo próprio morador. Hoje, a localidade recebe centenas de turistas seresteiros que, além de visitar os museus da Seresta e os que celebram a memória de grandes cantores do passado como Vicente Celestino, Silvio Caldas, Gilberto Alves, Nelson Gonçalves e Guilherme de Brito, saem à noite pelas ruas cantando ou curtindo antigas canções (PREFEITURA MUNICIPAL DE VALENÇA, 2008).

Conservatória, do ponto de vista do turismo no Estado do Rio de Janeiro se insere no chamado Vale do Café, região nomeada para identificar os municípios e distritos²⁰ do Estado do Rio de Janeiro que vivenciaram ao longo do século XIX o ciclo cafeeiro e que mantém em seu espaço patrimônio arquitetônico característico daquele período. E entre esse grupamento do poder público municipal, como forma de desenvolver o turismo sustentável na região, foi criado o CONCICLO – Conselho de Turismo da Região do Vale do Ciclo do Café, composto pelos municípios envolvidos no “Vale do Café” e por entidades ligadas ao Governo do Estado, como é o caso da TURISRIO, da iniciativa privada através do SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, e, ainda, por entes da sociedade civil, como é o caso do Instituto Preservale.

²⁰ Barra do Piraí, Distrito de Ipiabas (Barra do Piraí), Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paty do Alferes, Piraí, Rio das Flores, Valença, Distrito de Conservatória (Valença) e Vassouras.

Para o CONVICLO Conservatória reúne, além da histórica inserção no contexto produtor de café no Vale do Paraíba Fluminense, a tradição das serestas e serenatas (figuras 16 e 17) e as plaquinhas afixadas na fachadas das casas, como atrativos turísticos. O Conselho oferece dicas aos turistas que visitam seu sítio na WEB (CONVICLO, 2008), tais como,

As serestas de Conservatória acontecem aos sábados²¹. Ao percorrer a cidade, o turista encontra diversos monumentos históricos, como igrejas, museus. A gastronomia e a hospitalidade também são excelentes.

Evandro Cyrillo Marques - 27/05/2006



Figura 16 – Trecho da Serenata em Conservatória.

A efetivação do asfaltamento da Rodovia RJ-137 (principal via de acesso de turistas à Conservatória), resultado de um plebiscito realizado em 2001, já demonstrava o quanto o poder público municipal se interessava em promover melhorias infra-estruturais em Conservatória para dar conta de uma demanda

²¹ Essa informação é incompleta visto que as serestas e serenatas acontecem igualmente e com a mesma frequência nas noites de sextas-feiras e sábados, havendo também cantoria dos seresteiros do Museu da Seresta, aos domingos, na missa das nove horas na Igreja Matriz de Santo Antonio, em Conservatória.

crecente do fluxo turístico, que decorria sobretudo em função de uma maior divulgação midiática (figuras 18 e 19), incluindo-se a internet²².



Figura 17 – Seresta no Museu da Seresta e Serenata em Conservatória.



Figura 18 – Reportagem publicada no Jornal do Brasil, no caderno de Viagem, em 30/11/2005, página 8, enfatizando a musicalidade pertinente a Conservatória e seus outros atrativos. O texto indica ao leitor, “como chegar”, “onde ficar” e “onde comer”.

²² Embora não disponha de qualquer base científica, quando digitamos as palavras “Conservatória, serestas e serenatas” (sem as vírgulas) no site de busca Google (www.google.com), são oferecidas 1.400 possibilidades de acesso. (verificação feita em 08 mar 2008).



Figura 19 – Capa da revista Novas da Dutra, expedida pelo Consórcio Nova Dutra que administra a Rodovia Presidente Dutra. A revista é distribuída gratuitamente aos usuários da rodovia. A edição traz uma reportagem de capa sobre a serenata de Conservatória, com a indicação de como chegar na vila.²³

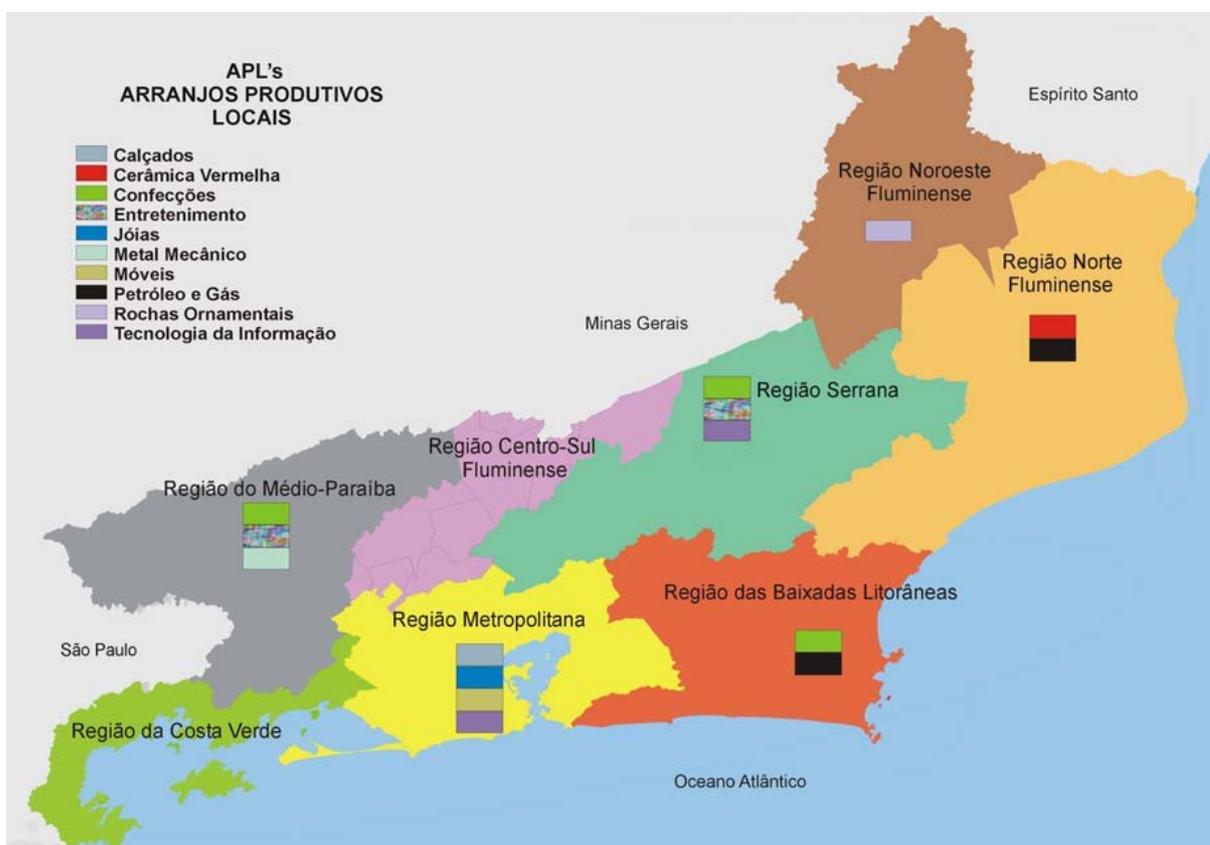
A peculiaridade das serestas e serenatas em Conservatória motivou o Governo do Estado do Rio de Janeiro a desenvolver o primeiro Arranjo Produtivo Local – APL²⁴ do Brasil (mapa 4) voltado para o entretenimento e turismo, partindo-se da compreensão da cultura como fator de desenvolvimento econômico. O APL tem como objetivo “preservar, desenvolver, perpetuar e disseminar o patrimônio cultural, assegurando o desenvolvimento sustentável” (MINISTÉRIO DO

²³ Ano 5, nº 36, edição de 2001. Na fotomontagem aparecem os Irmãos Borges: à esquerda, o Sr. Jourbert Cortines de Freitas, e à direita o Sr. José Borges de Freitas Netto.

²⁴ Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Arranjo Produtivo Local “consiste em um agrupamento de empresas de um determinado território, que apresente especialização produtiva. Para que um Arranjo Produtivo Local obtenha bons resultados, ou seja, produza mais e melhor, gerando trabalho e renda para a população, é preciso que haja articulação e cooperação com outros parceiros, como governo, associações, instituições, por meio de governança. São atributos fundamentais para a constituição de um APL: a) concentração de empresas; b) cadeia produtiva adensada; c) capacidade de oferta de serviços; d) conexão com mercados nacionais e internacionais; e) disponibilidade de mão de obra especializada; f) capacidade empreendedora e associativa; g) difusão de informação e conhecimento; h) confiança no ambiente de negócio”.

DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2008) de Conservatória e as metas a serem alcançadas até julho de 2009 consistem no aumento do fluxo turístico em vinte por cento durante a semana, de segunda à quinta-feira, e na elevação da taxa de ocupação da rede de hotéis e pousadas. As ações iniciais oriundas do APL de Entretenimento e Turismo, a serem ainda implantadas em Conservatória, são: o asfaltamento da Rodovia RJ-143, que liga Conservatória ao distrito sede de Valença; o aterramento dos cabos aéreos e o estabelecimento do Projeto Ponto Forte de energia elétrica, em parceria com a empresa Light Serviços de Eletricidade S.A.; criação de uma estação de tratamento de esgoto; e, implantação do estúdio de gravação fonográfica.

MAPA 4
ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS
ESTADO DO RIO DE JANEIRO – 2007



Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Câmara de Gestão dos APLs do Estado do Rio de Janeiro (2007)

A constituição desse APL para Conservatória levou o SEBRAE, em conjunto com o Instituto para o Desenvolvimento da Economia, do Indivíduo, do Ambiente e da Sociedade – IDEIAS, a promover o mapeamento cultural de Conservatória buscando no seu interior subsídios capazes de propiciar uma visão ampla e acurada para um melhor aproveitamento nas ações de melhoria da infra-estrutura turística. O levantamento fez revelar algumas categorias que configuram a paisagem de Conservatória, conforme Tabela 3.

Tabela 3
Mapeamento Cultural de Conservatória
2007

Categorias	Quantidade
Associações Culturais	1
Bens Imóveis	48
Comércio Típico	34
Espaços Culturais	12
Eventos Culturais	38
Grupos Culturais	3
Instituições Culturais	7
Monumentos	10
Praças e Jardins	3
Produção Artesanal	14

Fonte: Instituto IDEAS (2007)

Convém destacar a existência de quatro museus²⁵, dentro do conjunto arquitetônico que compõe a paisagem do local, ligados à música e que são abertos

²⁵ São eles: 1) O Museu da Seresta e Serenata; 2) O Museu Sacro da Matriz de Santo Antônio; 3) O Museu Silvio Caldas, Gilberto Alves, Nelson Gonçalves e Guilherme de Brito; e, 4) O Museu Vicente Celestino e Gilda de Abreu.

à visitação pública, reforçando a matriz cultural que permeia Conservatória e que enseja o turismo cultural.

Entre o empresariado local é notório o interesse em evidenciar o perfil singular das serestas e serenatas em Conservatória, quando se utilizam da imagem da música como propagadora do turismo em Conservatória, adotando mecanismos de marketing que vinculem os seus estabelecimentos a elementos que guardem proximidade com as serestas e serenatas. Assim, são utilizados nomes e imagens que traduzem ao turista o sentimento de ingresso ao universo musical emanado de Conservatória (figuras 20 e 21).



Figura 20 – Placa comercial fixada na Rodovia RJ-137, divulgando uma pousada com o nome de “Solmaior” numa clara referência à nota da pauta musical.

Evandro Cyrillo Marques – 08/02/2008



Figura 21 – Placa comercial fixada na Rodovia RJ-137, divulgando uma pousada cujo símbolo é um violão, instrumento típico dos seresteiros de Conservatória.

A perspectiva empreendedora dos atores oriundos do poder público e da iniciativa privada para o incremento da atividade turística deve ser permeada pelo conhecimento do turista que visita Conservatória, não somente em relação às suas qualidades econômico-financeiras, mas também a respeito de suas percepções e apreensões daquele local.

Desse modo, a seção seguinte apresenta uma análise qualitativa sobre o turista de Conservatória a partir de entrevistas realizadas em dois períodos distintos, mais precisamente em maio de 2006 e janeiro de 2008.

3.3 ANÁLISE DO TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA

Segundo a Cadeia Produtiva da Economia da Música (2003), a quantidade de turistas que visitam o núcleo receptivo de Conservatória varia entre 1.500 e 2.000 pessoas, nas sextas-feiras, sábados e domingos. Ainda que seja visível esse

contingente, é necessário aprofundar o conhecimento acerca do perfil desse turista e, principalmente, como ele vislumbra as serestas e serenatas como motivadores do turismo e, ainda, que outros elementos contidos na paisagem de Conservatória exercem essa atração. Para tal, realizamos duas coletas de dados, através de entrevistas semi-estruturadas (anexo 2), realizadas em momentos distintos.

A primeira entrevista ocorreu no dia 27/05/2006, coincidentemente, na comemoração do Dia do Seresteiro²⁶, e foram entrevistadas aleatoriamente oitenta pessoas, declaradamente turistas, em uma época em que o afluxo de turistas é reconhecidamente maior. A segunda, contendo os mesmos questionamentos, ocorreu no dia 26/01/2008, e envolveu um universo menor de entrevistados, dessa vez trinta pessoas responderam as perguntas.

O primeiro bloco de questões (questões 1 a 9), de perfil quantitativo, teve como finalidade identificar o perfil do turista e como ele classifica a estrutura turística de Conservatória. O segundo segmento, contemplando questões de dimensão qualitativa, teve como alvo a manifestação cultural das serestas e serenatas e outros possíveis elementos de atração oferecidos por Conservatória.

Os resultados quantitativos, quando comparados os dois períodos de apuração (anexo 3), revelaram poucos desvios entre as duas pesquisas, apontando que a média etária dos turistas de Conservatória oscilou entre 46 e 49 anos e que a proporção de homens e mulheres situa-se em um patamar muito próximo, com uma leve frequência favorável ao público feminino. A análise desse indicador leva à reflexão sobre a preferência pelo tipo de música cantada nas serestas e nas serenatas (músicas que suscitam o romantismo e pertencentes, normalmente, a tempos pretéritos) atrair um grupo detentor de faixa de idade mais elevada.

²⁶ Evento constante do calendário festivo de Conservatória, sendo caracterizada como uma festa tradicional que objetiva comemorar o aniversário da seresta e serenata na vila.

Nesse contexto, o turismo pensado como uma prática altamente geradora de renda amplia a sua imagem de negócio fazendo prevalecer, em muitas das vezes, uma visão apenas economicista da atividade. Assim um aparato de procedimentos é pensado e posto em prática com o escopo de incrementar a atividade turística, e as empresas recorrem às estratégias de marketing para maximizar seus ganhos passando a observar espaços de singularidades ou de diferenças sociais, que se materializam em ocorrências naturais ou culturais exclusivas de determinados lugares. A esse respeito Hardt & Negri (2001, p. 170) observam que

O marketing, em si, é uma prática baseada em diferenças, e quanto mais diferenças houver mais as estratégias de marketing encontram campo para se desenvolver. Populações cada vez mais híbridas e diferenciadas apresentam um número prolífico de 'mercados alvos' que podem ser alcançados com estratégias específicas de marketing – uma para gays latinos de dezoito a vinte e dois anos, outra para adolescentes sino-americanas, e assim por diante. O marketing pós-moderno reconhece a diferença de cada mercadoria e de cada segmento da população, elaborando suas estratégias apropriadamente. Toda diferença é uma oportunidade.

Acompanhando essa atual tendência mercadológica, o setor turístico tem se especializado em segmentar ou customizar bens e serviços, quando oferece pacotes de viagens propícios a determinados grupos de turistas, como de terceira idade, de adolescentes, de homossexuais etc. Agências de viagens turísticas incentivam novos roteiros e retalham os espaços, criando fragmentos “destinados à circulação turística em função dos seus dados psiconaturais e técnicos” (SILVEIRA, 1999, p. 40). Na esteira da apropriação econômica o setor de turismo busca aprofundar o conhecimento sobre as predileções de seus potenciais clientes e direcioná-los propostas de viagens que supram essa necessidade.

A indústria do turismo renova e amplia, cada vez mais, o universo de sua clientela possível: além dos turistas em férias, os turistas de convenção, etc. Aprofunda o conhecimento dos gostos por idade e sexo; os devidos às diferenças de hábitos e costumes; etc. (DAMIANI, 1999, p. 48).

Para essas formulações estratégicas voltadas para a maximização da atividade turística é imperativo o conhecimento sobre o local de origem dos turistas. Nesse sentido, a entrevista indicou o Estado do Rio de Janeiro como o principal centro emissor para Conservatória, em função da proximidade natural e por uma maior divulgação interna sobre os atributos do distrito. Não obstante fossem registrados turistas de outros Estados, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Maranhão, e também turistas externos (Portugal), o número se mostrou insignificante quando comparado com o turista fluminense que visita Conservatória, o que indica oportunidade de crescimento da atividade, caso haja maior divulgação pelos meios cabíveis e o distrito se estruture para isso.

Embora a pesquisa não tivesse a intenção de depurar o nível de renda do turista de Conservatória, o fato de os dados revelarem que a maioria dos entrevistados se deslocam se utilizando de automóvel leva-nos à reflexão de que esse grupamento encontra-se distante de uma condição socioeconômica menos privilegiada.

Nas duas coletas uma leve maioria do público consultado respondeu que visitava Conservatória pela primeira vez. Entretanto, a segunda resposta mais repetida foi a de freqüentar o distrito por mais de três vezes, o que se expressa como fato bastante positivo para a preservação de Conservatória como um lugar turístico.

O conhecimento sobre Conservatória teve como fonte principal a informação prestada por amigos ou parentes (aproximadamente dois terços), confrontando com um número relativamente pequeno de respostas indicando que soube do distrito por meio de jornais ou revistas especializadas em turismo. A divulgação de um lugar através de depoimentos orais de visitantes (boca-a-boca) é reconhecidamente um

recurso eficiente. Mas a estruturação comunicacional mais consistente sobre o turismo em que prevaleçam também veículos mais abrangentes, como jornais e revistas especializados, podem contribuir para a elevação do fluxo turístico.

Na perspectiva quantitativa da entrevista, o último item referiu-se à impressão que o turista apresenta sobre a estrutura turística de Conservatória. E as respostas indicaram satisfação elevada em relação ao aparato logístico para o abrigo do turista naquele receptivo, indicando uma estrutura turística considerada ótima ou boa. Algumas considerações apontaram para a existência de terminais bancários de saques em espécie e para uma maior disponibilidade de ocupação em pousadas e hotéis do lugar.

• • •

As serestas e serenatas já apresentam há algum tempo uma repercussão considerável no âmbito do espaço fluminense. Empiricamente é afirmativo indicar que esse evento cultural seja o principal inspirador para a ocorrência do turismo que se realiza no espaço de Conservatória, sem prejuízo da existência de outros atrativos no lugar, como é o caso dos monumentos, representado pelo velho casario, hoje refuncionalizados, e da área verde ainda comum no Vale do Paraíba Fluminense.

As pesquisas de campo foram reveladoras de um maciço reconhecimento por parte de seus visitantes de que as serestas e serenatas realmente representam o principal fator de atração de Conservatória. E o que motivou a maioria dos entrevistados a relacionarem a manifestação cultural com o turismo no lugar teve como apoio o entendimento de que se trata do único evento turístico do local cuja

amplitude seja fundamental para a economia local. O imaginário dos entrevistados é impregnado pelo sentimento de sobrevivência do lugar, prevalecendo a percepção recorrente em algumas declarações de que “se não houvesse as serestas, Conservatória não existiria”. A mitificação do espaço é forjada pelos freqüentadores elevando o evento a um patamar condicional à sua própria existência, que torna confuso o expectador quando decreta que “a seresta é alma da cidade”.

A singularidade das serestas e serenatas foi fortemente indicada pelos entrevistados como justificativa para a afirmação de que se representa como principal aspecto causador do fluxo turístico para Conservatória. Sua qualidade exclusiva faz nascer a curiosidade daqueles que buscam o diferente, o excêntrico.

Nesse universo, a cultura é dotada de eficiência em gerar o simbólico e provocar o imaginário, sendo capaz de resgatar “as representações, os signos que mediatizam valores e visões de mundo e, por meio deles, produzir a compreensão da manifestação cultural” (FERRARA, 2002, p. 15), posicionando o turista, como em Conservatória, diante de diferenças espaciais e temporais. A música naquele contexto funciona como um veículo imaginário que transfere o expectador para um outro cenário de vivência e tem na contemplação o seu canal de passagem para este outro mundo recém criado.

O terceiro ponto abordado pelos respondentes recaiu na qualidade das serestas e serenatas como formadoras de identidade cultural e depositário de história e culto ao passado. A identidade cumpre o papel de influenciar a formação de consciências individuais e coletivas (LE BOSSÉ, 2004) e impõe uma marca à paisagem previamente estabelecida, amalgamando espaço e cultura. Para Berque (1998) a paisagem reúne ao mesmo tempo a propriedade de ser marca, ao expressar uma civilização, e de ser matriz, quando ampara simultaneamente a

percepção, a concepção e a ação da cultura no interior de um grupo social. Na visão dos entrevistados a paisagem é resultado do acúmulo histórico e da impressão das serestas e serenatas no espaço. Essa particularidade se expressa com nitidez ao olhar do visitante que passa a reconhecer a paisagem como um complexo cultural que representa “um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2004, p. 106).

Em síntese, a manifestação cultural das serestas e serenatas tornam-se inseparáveis da paisagem que compõe o locus de sua realização emblematizando a qualidade de lugar turístico que ganha eco no depoimento de um dos turistas consultados: “falou em Conservatória, a ligação é a seresta”.

Ao serem indagados a respeito de outros possíveis elementos que configurassem Conservatória como um lugar turístico, o patrimônio cultural e arquitetônico e a sensação de tranquilidade foram os itens mais respondidos, reproduzindo a visão dos próprios moradores, conforme descrito na seção 2.1.4 desta pesquisa.

Convém mencionar que o senso de tranquilidade, paz e sossego são amenidades invariavelmente desejadas por turistas quando planejam sua viagem. E quando o quantitativo de turistas de Conservatória é composto em sua maioria por visitantes oriundos de centros urbanos potentes, como o Rio de Janeiro, a sensação de proteção e segurança torna-se ainda mais perceptível.

ECOS DE UMA CONCLUSÃO

Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar.

(Chico Science)

Nenhuma outra manifestação cultural interiorana no Brasil ligada à música tem tamanha repercussão e tradição quanto as serestas e serenatas de Conservatória. A *vesperata*²⁷ em Diamantina(MG) aparece como uma expressão musical similar, mas sua origem remonta há apenas dez anos, embora já seja reconhecida como um grande fator de incremento do turismo naquele município.

Conservatória com sua gênese situada no limiar do período de produção cafeeira no século XIX viu, como todo o Vale do Paraíba Fluminense, sua base econômica se esfacelar e passando a conviver com a ameaça de se tornar um arraial (como era chamado na passagem do século XIX para o XX), sem qualquer relevância e com uma forte tendência ao esquecimento.

A atividade cafeeira legou à vila uma forma representativa desse passado ostentoso, guardando uma estrutura material que se distribui ao longo de seus logradouros.

Com todo o poderio das edificações erguidas no período cafeeiro e que sobrevivem até os dias de hoje, é inegável afirmar que as serestas e as serenatas, realizadas no espaço urbano conservatoriense, formaram as condições para que o distrito em questão compusesse o quadro das localidades detentoras do turismo cultural no Estado do Rio de Janeiro.

²⁷ A *Vesperata* é uma reunião de músicos formada por jovens carentes da cidade e pela banda do 3º Batalhão de Polícia Militar que tocam músicas brasileiras, posicionados nas janelas dos sobrados, enquanto os maestros se revezam em um pequeno palco, no centro da rua, perto do público. Na *vesperata* são os músicos quem ocupam as sacadas e janelas das casas.

A natureza dinâmica da manifestação cultural se faz presente por movimentar as finanças do município pelo turismo, mas, sobretudo, por dotar o lugar de uma condição especial no sentido de aproximar realidades diversas, cuja interseção se dá quando a música entra em cena. Quem tem a oportunidade de conhecer Conservatória em um dia entre segunda-feira e quinta-feira, encontra um local reservado em que a vida parece correr mais lentamente. Parte do comércio não abre suas portas nesse período e a antiga imagem de cidade pacata do interior rural passa a prevalecer. Chegado o momento das serestas e serenatas, nas noites de sextas-feiras e sábados, o número de pessoas se eleva consideravelmente com o fluxo de turistas e o espaço é metamorfoseado com a paisagem adquirindo outros contornos.

O reconhecimento dessa atividade no contexto urbano-rural do município de Valença-RJ nos permite apontar uma nova ruralidade assumida pelo Distrito e amparada no turismo cultural que por sua vez se consolida pela realização das serestas e serenatas. Esse novo mundo rural, repleto de urbanidades e globalidades (que se ampliam por sua qualidade de receptivo turístico), é capaz de ativar redes sociais mais complexas, cujas origens escapolem da escala local simplesmente, recaindo em mundos distintos e envolvendo de uma forma geral as seguintes possibilidades,

A reconversão produtiva (diversificação da produção), a reconversão tecnológica (tecnologias alternativas de cunho agroecológico e natural), a democratização da organização produtiva e agrária (reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar), bem como o fortalecimento e a expansão dos turismos rurais (ecológico e cultural). (MOREIRA, 2002, p. 38).

Nesse contexto, são as serestas e serenatas as manifestações culturais a tecerem esse novo significado socioprodutivo que interconecta o rural e o urbano

com a atração de pessoas de outros centros a praticarem o turismo, onde demandarão por elementos de sua realidade urbana²⁸.

A dimensão temporal desse evento musical é o que o conduz a ser reconhecido como uma tradição pelos moradores e pelos visitantes. O estabelecimento do fio histórico condutor entre a manifestação atual das serestas e serenatas, regida por regulamentos, regularidade e participação ampla e coletiva, com aqueles músicos-aventureiros que alegravam as festas dos barões e ao seu fim saíam pelas ruas fazendo serenata e também o grupamento escravo que se valia das festas, acompanhadas por músicas, para simultaneamente comemorar e amenizar os seus intensos sofrimentos, faz entranhar no lugar o seu estigma de tradição cultural.

Esse foi afirmativamente o traço cultural, simbólico e identitário mais vigoroso que Conservatória foi capaz de assumir: a música como centro de sua própria existência. Foram vicissitudes periodizadas por ações, como o engajamento dos Irmãos Borges ao longo do século XX, que cunharam expressões referenciais à Conservatória, como “Vila das Ruas Sonoras”, “Pedacinho do Céu” e “Capital das Serestas” que a tornam reconhecida pela musicalidade, sua identidade maior.

Ao se deslocar em busca da originalidade das serestas e serenatas o turista rompe o universo do desconhecido e passa a experienciar uma manifestação cultural de dimensão local, e que o transporta para o inusitado, representando-lhe “una emancipación al confinamiento de lo cotidiano que lo lleva a disfrutar de un conjunto de vivencias en un mundo animado representado por un espacio-tiempo no ordinario” (MUÑOZ, 2003, p. 19).

²⁸ A demanda por caixa eletrônico de instituição bancária e por shopping center, verificada nas repostas dadas às entrevistas, são emblemáticas nesse sentido.

Em Conservatória o turismo tem sido praticado principalmente por pessoas movidas pela curiosidade em conhecer as serestas e serenatas, conforme espelharam as entrevistas. No grupamento de turistas há ainda um representativo contingente que volta pela segunda vez ou mais e que se sente atraído em função do romantismo e da volta ao passado exalados pela musicalidade contida na manifestação cultural.

O turismo cultural já é reconhecido como uma atividade potencial para Conservatória e para o Município de Valença. Além do Arranjo Produtivo Local, organizado pelo Governo do Estado em parceria com o SEBRAE e com outros atores, a prefeitura municipal tem adotado algumas medidas objetivando a consolidação de Conservatória como um lugar característico por seus elementos culturais. A promulgação da Lei Nº 1471 (anexo 8), de 02.09.1987, cria a área especial de proteção cultural de Conservatória, através de um zoneamento que envolve quatro fragmentos: a) Zona urbana de preservação; b) Zona urbana de renovação; c) Zona de proteção paisagística; e, d) Zona rural de preservação. A Lei restringe a alteração do espaço do distrito, incluindo o seu patrimônio cultural, devendo ser envidado todo o cuidado em qualquer reconfiguração física que seja necessária.

Nos trabalhos que motivaram a construção do Plano Diretor Participativo do Município de Valença em 2006, a Associação da Casa de Cultura de Conservatória e a Associação de Moradores de Conservatória, elaboraram um documento, fruto de entrevista com 471 moradores, elencando ações de natureza infra-estruturais a serem implementadas com o objetivo de aumentar a funcionalidade do distrito e conseqüentemente do turismo. No documento encaminhado à equipe gestora do

plano diretor, os dois grupos associativos fizeram valer a impressão diferenciada do lugar Conservatória que seus moradores carregam.

Conservatória tem um potencial musical, artístico, cultural, agropecuário e turístico. Dinamizá-lo, portanto, é questão de interesse de todos os que querem ver a Cidade das Ruas Sonoras mais bonita, conservada e reconhecida no âmbito cultural, agropecuário e de preservação do patrimônio arquitetônico e humano.

O Plano Diretor foi instituído em 09/10/2006, pela Lei Complementar nº 062 e é considerado o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana do Município de Valença. Em seu capítulo III, Artigo 8º, Eixo 4, o Plano aborda a “Identidade e o Patrimônio Cultural”, abrigando estratégias de conservação e valorização do patrimônio cultural edificado, artístico, histórico, paisagístico e natural, tanto urbano quanto rural, existente na sede e nos demais distritos.

As entrevistas realizadas com os moradores e com os turistas, abordadas no capítulo 3 deste trabalho, deixaram transparecer a existência de muitos problemas que afetam o turismo em Conservatória, como rede de hospedagem insuficiente, inexistência de banheiros públicos, precariedade no sistema de água e esgoto, ausência de terminais bancários para saque etc. A impressão geral é que o turismo poderia ter mais efetividade caso esses problemas fossem solucionados.

As respostas deixaram nítida uma discrepância quanto à origem dos visitantes de Conservatória, onde a maioria é proveniente do Estado do Rio de Janeiro. Sob esse enfoque a pesquisa expõe a existência de espaço para o crescimento da atividade turística desde que haja planejamento que considere o processo de formação e consolidação das serestas e serenatas como manifestação cultural primaz, sobretudo englobando os seus elementos constitutivos de essência subjetiva.

O turismo é uma atividade que reúne abordagens multidirecionais e evoca praticamente todos os demais setores na sua realização, dependendo para se desenvolver de aspectos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais (SILVA E FILHO, 2007). Diante disso, as discussões pertinentes a essas dimensões, canalizadas no sentido da estruturação turística de Conservatória devem passar por um profundo processo de debate que inclua seus atores principais, sobretudo aqueles que protagonizam as serestas e serenatas.

A reflexão sobre o turismo cultural realizado em Conservatória passa fundamentalmente pelo crivo de sua história e de sua cultura. Olhar para as serestas e serenatas é considerar seus personagens, seus mitos, e o seu passado original, localizado em meados do século XIX, pensando em uma permanência sustentável para o receptivo turístico e para a manutenção da tradição e da identidade de seu povo.

Em decorrência da dimensão temporal e do ineditismo da manifestação cultural das serestas e serenatas associada ao seu patrimônio histórico herdado do período áureo do café, faz-se necessário estender o campo de pesquisa geográfica sobre Conservatória, com a perspectiva de alguns temas para investigação, a saber:

- a) Análise do Arranjo Produtivo Local de Entretenimento e Turismo de Conservatória;
- b) A importância do turismo cultural de Conservatória para as finanças do município de Valença-RJ;
- c) A organização espacial das atividades produtivas derivadas do turismo cultural de Conservatória;
- d) A música de Conservatória como elemento etnocêntrico;
- e) A refuncionalização de antigas fazendas de café em Conservatória; e,

f) O papel do poder público e da iniciativa privada na preservação do patrimônio cultural, incluindo-se as serestas e serenatas de Conservatória.

Estas considerações não esgotam as possibilidades temáticas de pesquisa naquele espaço e, afirmativamente, o interesse e o espírito criativo que movem naturalmente os geógrafos darão conta de desvendar outras trilhas investigativas interessantes que contribuirão sobremodo para imergir no conhecimento sobre essa singular vila situada no Estado do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Cesar de & Lissovsky, Mauricio. **Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.** São Paulo: Ex Libris: 1987.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento.** Campinas, SP: Papyrus, 2000. 96 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 145 p.

BECKER, Bertha K. & EGLER, Claudio A. G. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. 267 p.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In* CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 124 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 311 p.

CADEIA PRODUTIVA DA ECONOMIA DA MÚSICA. **Conservatória, a música como fator de desenvolvimento.** Rio de Janeiro: PUC-Rio/SEBRAE-RJ/UBC, 2003. 55 p.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades: novas identidades em construção.** Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, n. 11, p.53-75, out. 1998a.

CARNEIRO, Maria José. Memória, esquecimento e etnicidade na transmissão do patrimônio familiar. *In*: CARNEIRO, Maria José (org.) et al. **Campo aberto, o rural no Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998b. 336 p.

CARNEIRO, Maria José. **Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade.** *In*: II Seminário sobre o Novo Rural Brasileiro, 2001, textos, Campinas: UNICAMP/IE, 2001.

CARNEY, George O. Música e lugar. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, música e espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. 150 p.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Existe uma geografia do turismo?** In: GASTAL, Susana, BENI, Mário Carlos & CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002. p. 59-67.

CONCICLO – Conselho de Turismo da Região do Vale do Ciclo do Café. Disponível em <<http://www.valedocafe.com.br/conciclo.htm>>. Acesso em 10 mar 2008.

COSTA, Emília Viotti. **Da senzala à colônia**. 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 570 p.

COSTA, Benhur Pinos da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: uma abordagem microgeográfica. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. 226 p.

DAMIANI, Amélia Luisa. Turismo e lazer em espaços urbanos. In RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo. Modernidade. Globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 484 p.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. 226 p.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação. De como a autonomia das novas tecnológicas obriga a rever o mito do progresso**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 148p.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In YÁGIZI, Eduardo (org.) et al. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 2002. 242p.

FILHO, Alberto Lamago. **A planície do solar e da senzala**. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

FONSECA, Emy Gayoso Monteiro da. **Conservatória de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro. INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1986.

FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 3. ed. 130 p.

Fundação CIDE – Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro. Mapas Online e Rede LabGeo – Informações cartográficas. [on line]. Disponível em <<http://www.cide.rj.gov.br/>>. Acesso em 10 Jul 2006.

GASTAL, Susana, BENI, Mário Carlos & CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo investigação crítica**. São Paulo: Contexto, 2002. 110 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159.

GÓMEZ, Sergio. ¿Nueva ruralidad? Un aporte al debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, CPDA, n. 17, out. 2001.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Câmara de Gestão dos APLs do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1198759651.pdf>. Acesso em 25 fev 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. 104.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 501 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidade@. [on line]. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em 29 Jul 2006.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA, DO INDIVÍDUO, DO AMBIENTE E DA SOCIEDADE – IDEIAS. Mapeamento cultural de Conservatória – Valença-RJ. Disponível em <<http://www.ideias.org.br/conservatoria/instcult.asp>>. Acesso em 16 set 2007.

INSTITUTO PRESERVALE. Roteiros turísticos [on line]. 2006. Disponível em <<http://www.preservale.com.br/>> Acesso em 25 jul 2006.

IÓRIO, Leoni. **Valença de ontem e de hoje (subsídios para a história do município de Marquês de Valença) – 1789-1952**. Valença, RJ: Jornal de Valença, 1953. 394 p.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e a serra**. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A economia cafeeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 123 p.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. 180 p.

LIMA, Marisa Alves de. Conservatória, meio século de serenatas. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro. Ano XL, nº 2, 13/01/1968, páginas 9 a 103. Disponível em microfilme. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: jun-abr, ano/vol: XL, nº 01-17. Rolo PR-SPR 845.

LOCATEL, Celso Donizete. **Modernização da agricultura, políticas públicas e ruralidade: mudanças e permanências na dinâmica rural das microrregiões de Jales e de Fernandópolis – SP**. 2004. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP, dez 2004

McDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. *In*: GREGORY, Derek et al. Geografia humana: sociedade, espaço e ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 310 p.

MASCARENHAS, Gilmar. Redefinindo o urbano, produzindo lugares: a urbanização turística no interior fluminense. *In* Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 8. 2003, Recife. **Anais...** Recife, 2003. CD-ROM. 8 p.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos**. 2000. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. 228 p.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000. 140 p.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo cultural**. Porto Alegre: SEBRAE-RS, 1998.

MOREIRA, José Roberto. **Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação**. CPDA, Ruralidades, 2ª edição, nº 1, nov., 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 118 p.

MUÑOZ, Raúl Veldez. Turismo cultural: la experiencia mexicana. **Caderno Virtual de Turismo**. Volume 3. Número 1, 2003. Disponível em <<http://www.ivt-rj.net>>. Acesso 03 fev 2008.

NORONHA SANTOS, Francisco Agenor. **A Conservatória dos índios: um arraial esquecido**. 2. ed. Rio das Flores, RJ: Editora Riofloreense, 2007. 95 p.

NORTON, William. **Cultural geography: themes, concepts, analyses**. Oxford University Press, 2000.

O VALE. Direção de João Moreira Salles. Direção de Produção de Raquel Freire Zangrandi. Argumento de Marcos Sá Corrêa. Série: 6 Histórias Brasileiras. Rio de Janeiro: Canal GNT - GLOBOSAT Programadora Ltda., 2000. DVD.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. **Fazendas: solares da região cafeeira do Brasil imperial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 195 p.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002. 129 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VALENÇA. A Cidade. Distrito de Conservatória. Disponível em <<http://www.valenca.rj.gov.br/distritos/conservatoria/historia.htm>>. Acesso em 10 mar 2008

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Turismo no Estado do Rio de Janeiro: ensaio de uma tipologia. **Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF**. Ano V – nº 10, jun. 2003. 7 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Categorias analíticas do espaço e turismo: o exemplo da Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ. **Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF**. Ano VIII – nº 16, jun. 2006 . 16 p.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo, Modernidade e Globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 218 p.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. O turismo no processo de globalização. *In*: Gonçalves, Ana Beatriz R. e Boff, Claudete (orgs.). **Turismo e cultura: a história e os atrativos regionais**. Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001. 166p.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. *In*: Funari, Pedro Paulo e Pinsky, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 130 p.

RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. *In*: MARAFON, Gláucio José e RIBEIRO, Marta Foeppel (orgs.). **Estudos de geografia fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

SCANTIMBURGO, João de. **O café e o desenvolvimento do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos: Secretaria de Estado da Cultura, 1980. 224 p.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, ENERGIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.desenvolvimento.rj.gov.br/sup_arranjo1.asp>. Acesso em 10 mar 2008.

SILVA, Charlei Aparecido, FILHO, Archimedes Perez. Geografia, turismo e análise sistêmica. *In* VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SILVEIRA, María Laura. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. *In* RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo. Modernidade. Globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIQUEIRA, Deis & OSÓRIO, Rafael. **O conceito de rural**. *In* Giarracca, Norma (Org.). *Una nueva ruralidad en America Latina?* Buenos Aires: Asdi/Calcso, 2001.

STEIN, Stanley Julian. **Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 361 p.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. **Pequena história do café no Brasil**. Rio de Janeiro: Edição do Departamento Nacional do Café, 1945.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: os sons que vêm da rua**. Rio de Janeiro: Edições Tinhorão, 1976.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Geral de Planejamento. **Estudo socioeconômico 2007 – Valença**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <<http://www.tce.rj.gov.br>>, acesso em 8 fev 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

TURISRIO – Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. [on line]. Disponível em <<http://www.turisrio.rj.gov.br/>>. Acesso em 10 Ago 2006.

VIEIRA, Wilson. **Apogeu e decadência da cafeicultura fluminense (1860-1930)**. 2000. 128 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000219019>>. Acesso em 24 fev 2008.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2003. 184 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: Edusc, 2002. 278 p.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002. 102 p.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 590 p.

CLARKE, David B. **The cinematic City**. London: Routledge, 1997. 252 p.

CLAVAL, Paul. **Geografia do homem: cultura, economia e sociedade**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1987. 489 p.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. 453 p.

CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (organizadores). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

FERNANDES, Agnes. **Turismo rural: lazer e proteção ambiental na sociedade pós-industrial**. In: Bahl, Miguel (org.). *Perspectivas do turismo na sociedade pós-industrial*. São Paulo: Roca, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 224 p.

GREGORY, Derek et al (org.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 309 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395 p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 349 p.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 225 p.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 225 p.

MAIA, Doralice Sátyro. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Revista Terra Livre**, São Paulo, 1º semestre/2001, n. 16, p. 71-98. Disponível em <<http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre16/terralivre16artigo4.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2004.

MENESES, José Newton Coelho. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 127 p.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Geografia do turismo: novos desafios**. In: Trigo, Luiz Gonzaga Godoi (org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**, 1. São Paulo: Editora SENAC, 2001. 122 p.

ROSSELVELT, José Santos e PIRETE, Maria José. **Espaço rural e as perspectivas para o turismo de eventos**. In: Bahl, Miguel. **Eventos: a importância para o turismo do terceiro milênio**. São Paulo: Roca, 2003.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

SANTOS, Milton et al (orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996 (a). 332 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico informacional**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996 (b). 190 p.

SANTOS, Milton et al (orgs.). **Fim de século e globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 342 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2000. 174 p.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993. 324 p.

YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. 226 p.

YÁZIGI, Eduardo et al (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 241 p.

YÁZIGI, Eduardo. **Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer**. São Paulo: Contexto, 2003. 359 p.

ANEXOS

ANEXO 1**IDENTIDADE CULTURAL EM CONSERVATÓRIA – Entrevista**

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Sexo: masculino feminino

4. Cidade onde nasceu? _____ UF: _____

5. Quando chegou em Conservatória (responda somente caso não tenha nascido em Conservatória)?

6. O que mais o(a) identifica com o lugar Conservatória? Por quê?

6. O que mais te agrada em Conservatória?

7. Em sua opinião, quais são os símbolos de Conservatória?

8. Acha que a Seresta e a Serenata sejam marcantes para a história e para o espaço de Conservatória? Por quê?

9. Como classifica a estrutura turística de Conservatória:

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim

10. Caso tenha assinalado regular ou ruim no item anterior, o que acha deficiente:

11. Acredita que a Seresta e a Serenata constituem o principal aspecto de atração turística de Conservatória?

- Sim Por quê? _____
- Não

12. Que outros elementos julga importante na configuração de Conservatória como um lugar turístico?

ANEXO 2**TURISMO CULTURAL EM CONSERVATÓRIA – Entrevista**

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: masculino feminino
4. Cidade de origem: _____ UF: _____
5. Meio de transporte utilizado: carro ônibus outro _____
6. Quantas vezes veio a Conservatória: primeira vez 2 vezes 3 vezes mais vezes
7. Como tomou conhecimento de Conservatória:
- Jornal ou revista de turismo
 - Através de amigos
 - Outros meios: _____
8. Como classifica a estrutura turística de Conservatória:
- Ótima
 - Boa
 - Regular
 - Ruim
9. Caso tenha assinalado regular ou ruim no item anterior, o que acha deficiente:
- _____
- _____
- _____
10. Acredita que a Seresta e a Serenata constituem o principal aspecto de atração turística de Conservatória?
- Sim Por quê? _____
- Não _____
11. Que outros elementos julga importante na configuração de Conservatória como um lugar turístico?
- _____
- _____

ANEXO 3

Resultado Consolidado das Pesquisas com Turistas em Conservatória – Base Quantitativa

Perfil do Turista de Conservatória Apurado Através de Entrevistas Semi-Estruturadas

Variável	Pesquisa de 27/05/2006	Pesquisa de 26/01/2008
Idade média	46 anos	49 anos
Proporção de turistas do sexo masculino	46%	43%
Proporção de turistas do sexo feminino	54%	57%
Oriundos do Estado do Rio de Janeiro	82,5%	70%
Oriundos de outros Estados	17,5%	30%
Meio de transporte utilizado	<ul style="list-style-type: none"> • Carro – 51% • Ônibus/Van – 44% • Outros – 5% 	<ul style="list-style-type: none"> • Carro – 60% • Ônibus/Van – 40%
Frequência de visita à Conservatória	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira vez – 44% • Segunda vez – 17,5% • Terceira vez – 6% • Mais de três vezes – 32% 	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira vez – 56,5% • Segunda vez – 16,5% • Terceira vez – 3,5% • Mais de três vezes – 23,5%
Fonte sobre a existência do turismo em Conservatória	<ul style="list-style-type: none"> • Através de Amigos – 69% • Através de jornal/revista de turismo – 17% • Outros meios – 14% 	<ul style="list-style-type: none"> • Através de Amigos – 77% • Através de jornal/revista de turismo – 7% • Outros meio – 16%
Avaliação da estrutura turística de Conservatória	<ul style="list-style-type: none"> • Ótima – 40% • Boa – 55% • Regular – 5% 	<ul style="list-style-type: none"> • Ótima – 33% • Boa – 47% • Regular – 20%

ANEXO 4

LEI Nº 5.008 DE 29 DE MARÇO DE 2007.

DENOMINA RODOVIA JOSÉ BORGES DE FREITAS - IRMÃOS BORGES O TRECHO DA RJ-143 QUE LIGA O DISTRITO DE CONSERVATÓRIA À RJ-145 NA SEDE DO MUNICÍPIO DE VALENÇA.

O Governador do Estado do Rio de Janeiro,

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica denominada de Rodovia José Borges de Freitas - Irmãos Borges o trecho da Rodovia RJ-143 que liga o Distrito de Conservatória à Rodovia RJ-145 na sede do Município de Valença.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 29 de março de 2007.

SÉRGIO CABRAL

Governador

ANEXO 5

**PROJETO DE LEI Nº 432/2007
CONCEDE O NOME DE IRMÃOS FREITAS À RODOVIA RJ137, DE
CONSERVATÓRIA A SANTA ISABEL DO RIO PRETO, EM VALENÇA.**

Autor(es): Deputado NELSON GONÇALVES

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RESOLVE:

Art. 1o. - Fica concedido à Rodovia **RJ-137**, de Conservatória a Santa Isabel do Rio Preto, no município de Valença, o nome de Rodovia Irmãos Freitas.

Art. 2o - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogando-se às disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 2007.

DEPUTADO JORGE PICCIANI
Presidente

Projeto EM TODA CASA UMA CANÇÃO

1) **Objetivo:** Perpetuar nas fachadas das casas de Conservatória, através da colocação de placas, as canções de amor brasileiras que (i) estão consagradas nas serenatas do lugar e/ou (ii) têm um significado histórico-sentimental na vida do morador.

Nota: Ao **Centro Urbano** do distrito ficam destinadas às canções que se enquadram no item (1), ou seja, os clássicos, consagrados ao longo dos anos pelo canto em serenata, nas ruas de Conservatória.

2) **Acervo do Museu:** As placas das quais trata esse projeto estão subordinadas aos princípios básicos que norteiam a atuação do Museu, instituídos através do documento “Características Essenciais” do Museu da Seresta e Serenata e tornam-se parte integrante do mesmo, independente do responsável por sua confecção (morador ou museu). Em resumo, o acervo musical que o Museu se propõe a preservar, se estende por todo o distrito, não se limitando às paredes do imóvel em que está situado.

3) Escolha da Música:

- a) Ao interessar-se em colocar uma canção como placa em sua casa, o morador deve dirigir-se a Museu da Seresta e Serenata e verificar se a mesma já tem placa afixada. Se positivo, deverá escolher outra canção;
- b) Sendo uma canção inédita no acervo, o Museu analisará se a canção se enquadra no objetivo do projeto (acima) e só então, dará seu “de acordo”;

4) A placa e sua inauguração:

- a) A placa deverá ser confeccionada em aço inoxidável, no tamanho aproximado de 25 cm X 7 cm;
- b) O morador marcará, em conjunto com o Museu, a data e hora da inauguração, com a devida antecedência;
- c) A cerimônia de inauguração consiste na ida dos seresteiros do Museu da Seresta e Serenata ao imóvel, onde chegarão cantando em serenata. No momento em que a canção da casa é cantada, a placa é descerrada. Em seguida, o representante do Museu “batiza” a placa com toques de martelo destinado exclusivamente a este fim.

5) Atribuições do Morador

- a) Zelar pelas condições e manutenção da placa;
- b) Ao mudar de endereço é esperado que:
 - Devolva a placa ao Museu, caso tenha mudado para outro Distrito ou Cidade;
 - Comunique seu novo endereço, caso tenha levado a placa para sua nova residência, desde que a mesma esteja dentro do distrito de Conservatória. É também esperado que a placa seja logo afixada na fachada, podendo, a seu critério, fazer uma nova inauguração, com a presença dos seresteiros do Museu. O morador que mantém a placa guardada, sem expô-la, não está colaborando para o bom andamento do projeto;
- c) Ao ceder sua placa a outro morador: idem a b), onde aplicável.

6) Atribuições do Museu da Seresta e Serenata e seus integrantes:

- a) Manter registro para controle das placas colocadas;
- b) Guardar as placas devolvidas ao Museu, que poderão ser utilizadas por outros moradores que tenham interesse na canção a que se refere;
- c) Dos integrantes do Museu é esperado a divulgação dos critérios aqui estabelecidos e a orientação de novos moradores que venham a se interessar por integrar-se ao projeto.

MUSEU DA SERESTA E SERENATA

Características Essenciais

1º O Museu da Seresta e Serenata, criação dos irmãos José Borges de Freitas Netto e Joubert Cortines de Freitas, é mantido sem ajuda financeira de políticos e empresários;

2º O Museu na reivindica nem aceita colaboração financeira, não compra nem vende nada;

3º O Museu se propõe a preservar a memória da música de serenata, cantando pela rua, e do projeto “Em Toda Casa Uma Canção”;

4º O Museu não tem representantes, nem vínculos políticos ou comerciais, admitindo solicitações dentro dos parâmetros do seu comportamento;

5º O Museu serve como “ponto de encontro” dos que cantam, tocam ou gostam de ouvir música de serenata;

6º O Museu não é casa de espetáculo e está aberto a todos os que cultuam a música popular brasileira, não importando se profissional ou amador, voz bonita ou não;

7º O Museu espera dos freqüentadores a civilidade de um verdadeiro seresteiro: educação, disciplina, compreensão e nenhuma bebida alcoólica.

Museu e seus Integrantes

O Museu da Seresta e Serenata é uma entidade democrática, aberta a participação de todos aqueles desejosos de dar sua contribuição para preservação da canção brasileira de amor. Dado a importância do papel desta entidade no cenário cultural de nosso país, e a ampla procura por informações sobre as pessoas que acreditam na causa e participam com maior ou menor freqüência das noites de serenata, faz-se necessário descrever o perfil desses idealistas e como eles interagem com o Museu.

Em função de uma série de aspectos que estão listados a seguir, podemos classificar esses personagens nas seguintes categorias: INTEGRANTES, PARTICIPANTES ou VISITANTES do Museu da Seresta e Serenata de Conservatória:

I – INTEGRANTE

a) Acredita e defende as normas instituídas sob o título de “Características Essenciais” do Museu, comportando-se em linha com as mesmas;

b) Tem residência própria em Conservatória;

c) Estar presente nas serestas do Museu e nas serenatas, todas as sextas-feiras e sábados, ausentando-se raramente;

d) Atua direta ou indiretamente no movimento por puro idealismo, sem buscar compensações financeiras ou promocionais;

Dentro desta categoria, que engloba as pessoas mais comprometidas com o movimento, podemos ainda subdividi-la em dois grupos: o “integrante de cena” e o “integrante de apoio”.

INTEGRANTE DE CENA

- É aquele que canta (solo) e/ou declama e/ou participa tocando algum instrumento, nas serestas do Museu e nas serenatas;

- As músicas que apresenta durante a serenata seguem uma escalação pré-definida, sob a orientação dos fundadores do Museu, tendo como base as 150 canções do libreto “Canções Eternizadas – Séculos XIX e XX” elaborado pelo Museu para a Serenata do Milênio, que foi realizada em 16/12/2000. O integrante de cena, canta as canções de amor de todos os tempos, que estão eternizadas na alma lírica brasileira;

- Não é músico profissional;

- Não está impedido de apresentar-se fora de Conservatória desde que não vincule sua apresentação ao Movimento ou ao nome do Museu. Pode, entretanto, divulgar Conservatória e descrever o Movimento Musical, com qualquer outro admirador do lugar.

INTEGRANTE DE APOIO

- Embora não cante, toque ou declame, participa ativamente das atividades do Museu, inclusive na organização de eventos;

- Inclui também aquele que, como regularidade, desenvolve atividades em paralelo, que fortalecem a identidade cultural do lugar e a preservação do patrimônio histórico;

- Nesse grupo estão os cônjuges dos integrantes de cena.

II – PARTICIPANTE

a) Sabe que existem as normas (“Características Essenciais”), mas não está atento para as mesmas ou não acha relevante cumpri-las integralmente;

b) Participa do movimento com certa regularidade (a cada duas ou três semanas por mês). Hospeda-se em pousadas/hotéis, casa de amigos ou tem imóvel alugado para veraneio;

c) Canta (solo) e/ou declama e/ou participa tocando algum instrumento nas serestas do Museu e nas serenatas, mas, nas serenatas, seu repertório não está em linha com o libreto “Canções Eternizadas – séculos XIX e XX”;

d) Pode ser músico profissional ou amador;

e) Como alguns são profissionais ou estão buscando se profissionalizar, costumam apresentar-se fora de Conservatória. É esperado, contudo, que sua apresentação não seja associada ao Movimento de Conservatória ou ao nome do Museu. Pode, entretanto, divulgar Conservatória e descrever o Movimento Musical, como qualquer outro admirador do lugar.

III – VISITANTE

a) Não tem compromisso com normas;

b) Vem a Conservatória e participa do movimento Musical sem ou com pouca regularidade;

c) Canta (solo ou em grupo) e/ou declama e/ou participa tocando algum instrumento nas serestas do Museu e seu repertório nem sempre está comprometido com o Movimento;

d) Raramente canta (solo) na serenata, tendo em vista que a mesma segue um roteiro pré-estabelecido e requer alguma regularidade e compromisso dos participantes.

O Museu da Seresta e Serenata de Conservatória além de uma entidade democrática é também dinâmica. Com isso, é muito comum que as pessoas que circulam pelo Movimento, circulem também entre as categorias, dependendo da alteração de sua postura em relação ao movimento. Uma pessoa hoje classificada como PARTICIPANTE, por exemplo, poderá amanhã se enquadrar como INTEGRANTE e vice-versa.

ANEXO 8

**LEI Nº 1471
DE 02 DE SETEMBRO DE 1987.**

EMENTA: Cria a área especial de proteção cultural de Conservatória e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE VALENÇA RESOLVE:

Art. 1º - Fica criada a Área Especial de Proteção Cultural de Conservatória - AP. CON que abrange a Vila de Conservatória, sede do Distrito do mesmo no Município de Valença, com a finalidade de preservar o conjunto urbanístico e arquitetônico tradicional ali formado historicamente e o quadro natural que o envolve e integra a sua paisagem, bem como das fazendas e imóveis e conjuntos descritos no anexo, fora do contexto urbano.

Parágrafo único - A AP. CON é constituída pôr todos os imóveis voltados para as ruas Monsenhor P. Liberotto, Pascoal Libreloto Velato, Santo Antônio, Dr. Luiz de Almeida Pinto, Evangelino Nóbrega, Osvaldo Fonseca, Pedro Gomes e das Flores, para as praças Getúlio Vargas e Catarina Guaglia e para a travessa Professora Geralda Fonseca, para a rua lateral ao Colégio Madianeira em direção ao túnel, bem como pelas encostas de cobertura vegetal que cercam a vila, devendo a descrição de suas delimitações físicas ser objeto de Decreto específico do Poder Executivo.

Art. 2º - A Área Especial de Proteção Cultural de Conservatória - AP. CON fica dividida nas três zonas seguintes, não necessariamente contínuas, e cujas delimitações serão descritas nos termos do art. 1º:

- I - Zona Urbana de Preservação - ZUP
- II - Zona Urbana de Renovação - ZUR
- III - Zona de Proteção Paisagística - ZPP
- IV - Zona Rural de Preservação - ZRP

Art. 3º - A Zona Urbana de Preservação - ZUP é integrada pelos imóveis das ruas Paschoal Velato, Santo Antônio, Dr. Luiz de Almeida Pinto, Osvaldo Fonseca, Pedro Gomes e rua lateral ao Colégio Medianeira em direção ao túnel; Trav. Professora Geralda Fonseca; Praça Getúlio Vargas e Catarina Guaglia indicados na coluna ZUP do quadro anexo, que é parte integrante desta lei.

§ 1º - Na ZUP serão mantidas as características, artísticas e decorativas que compõem os conjuntos das fachadas, dos telhados das edificações ali situadas exceto nos casos especificados no parágrafo 2º.

§ 2º - Na ZUP as edificações poderão ser modificadas desde que haja, exclusivamente, para recuperar os elementos arquitetônicos, artísticos e decorativos que anteriormente compunham o conjunto original de fachadas e coberturas .

§ 3º - Quaisquer obras, acréscimos, reformas, pinturas, ou construção de edículas em terrenos da ZUP serão objeto de aprovação especial pela Prefeitura Municipal de Valença que, em qualquer caso, deverá ser informada pôr parecer técnico do

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC, da Secretária de Estado de Ciência e Cultura.

Art. 4º - A Zona Urbana de renovação ZUR é integrada pelos imóveis das ruas Monsenhor P. Liberoto, Paschoal Velato, Santo Antônio, Dr. Luiz de Almeida Pinto, Osvaldo Fonseca, Pedro Gomes das Flores e rua lateral ao Colégio Medianeira em direção ao túnel; Geralda Fonseca indicados na coluna ZUR do quadro anexo referido no artigo 3º.

§ 1º - Na ZUR qualquer edificação a ser erguida deverá obedecer a projeto que a integre no conjunto arquitetônico qual pertence, obedecendo a altura máxima de 6,50 (seis metro e cinquenta centímetros) incluídos todos os elementos construídos.

§ 2º - Na ZUR os projetos de novas edificações serão objeto de aprovação especial pela Prefeitura Municipal de Valença, que, em qualquer caso, deverá ser informado pôr parecer técnico do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural INEPAC da Secretária de Estado de Ciências e Cultura.

Art. 5º - A Zona de Proteção Paisagística é integrada pelos terrenos que constituírem as encostas das elevações que, envolvendo o núcleo urbano histórico de Conservatória, constituírem sua moldura verde.

§ 1º - A ZPP, cujas delimitações serão descritas nos termos do art. 1º fica compreendida entre as linhas de cumeada das elevações que cercam a Vila de Conservatória e as divisas posteriores dos lotes situados nas ruas Antônio Dr. Luiz de Almeida Pinto, Pedro Gomes e das Flores.

§ 2º - A ZPP são proibidas quaisquer edificações que não sejam indispensável à manutenção de cobertura vegetal, à captação d' água ou às atividades econômicas agropecuárias, devendo em qualquer caso ser objeto de aprovação especial pela Prefeitura Municipal de Valença devidamente informada pôr parecer técnico do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural - INEPAC, da Secretária de Estado de Ciência e Cultura.

Art. 6º - A Zona Rural de Preservação é integrada pelos seguintes imóveis e conjuntos: Fazendas Veneza, São José, Paraíso, São Pedro dos Rochedos, São Paulo, São Fernando, São Lourenço, Santa Bárbara, São Marcelo, Destino, Boa Vista, Cantagalo, Cachoeira, Florença, Olaria e São Domingos; Túnel do Capoeirão; Ponte dos Arcos e as antigas estações da Rede Ferroviária de Pedro Carlos e Paulo de Almeida.

§ 1º - Na ZRP serão mantidas s características artísticas e decorativas que compõem os conjuntos das fachadas e dos telhados das edificações ali situadas.

§ 2º - Na ZRP as edificações poderão ser modificadas desde que para a exclusiva recuperação dos elementos arquitetônicos, artístico e decorativos que anteriormente compunham o conjunto original.

Art. 7º - Em toda a Área Especial de Proteção Cultural de Conservatória AP. CON. somente serão admitidos os usos e atividades compatíveis com a função de administração local e moradia tais como sede de administração distrital e conexos: residências unifamiliares, pensões; hotéis e similares; igreja; padaria; leiteria; açougue; venda e quitanda, escolas, colégios e outros estabelecimentos de ensino local; bazar e papelaria; barbearia, cabeleireiro e demais serviços de higiene pessoal; confeitaria, museu, galeria de arte posto de gasolina e outros que seriam objeto de licenciamento especial da Prefeitura Municipal.

Art. 8º - Em toda área Especial de proteção Cultural de Conservatória – AP . CON. em nenhum caso serão admitidos demolições sem prévia aprovação especial da Prefeitura Municipal de Valença, que, em qualquer caso, deverá ser informada pôr parecer técnico do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC, da Secretária de Estado de Ciência e Cultura.

Art. 9º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 02 de setembro de 1987.

Cesar Capobianco - Presidente

Haroldo da Silva Mancebo - Vice - Presidente

Nely Machado Gonçalves - Primeiro Secretário

Maria Isabel de Oliveira Lima - Segunda Secretária

Usando das atribuições que me são conferidas SANCIONO a presente Lei.
Extraiam - se cópias para as devidas publicações.

Gabinete do prefeito, em _____

Dr. José Gomes Graciosa - Prefeito

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)